

Transformando o ensino e a aprendizagem:
abordagens inovadoras para integrar
tecnologia na educação"

Organizadores

José Carlos G Junior

Danielly Berneck Coas Ribeiro

Jacqueline Andreucci Lindstron

Jadilson Marinho da Silva

Laurita Christina Bonfim

Adão Rodrigues de Sousa



© 2023 Edição brasileira
by Home Editora
© 2023 Texto
by Autor
Todos os direitos reservados

Home Editora
CNPJ: 39.242.488/0002-80
www.homeeditora.com
contato@homeeditora.com
9198473-5110
Av. Augusto Montenegro, 4120 - Parque Verde, Belém - PA, 66635-110

Editor-Chefe

Prof. Dr. Ednilson Ramalho

Dagramação e capa

Autor

Revisão de texto

Autor(es)

Bibliotecária

Janaina Karina Alves Trigo Ramos

CRB-8/009166

Produtor editorial

Laiane Borges

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

T772

Transformando o ensino e a aprendizagem: abordagens inovadoras para integrar tecnologia na educação / Danielly Berneck Coas Ribeiro, Jadilson Marinho da Silva, Jacqueline Andreucci Lindstron, et al. – Belém: Home, 2023.

Outros autores: Laurita Christina Bonfim Santos, Adão Rodrigues de Sousa, José Carlos Guimarães Junior.

90 p.; 16 X 23 cm

ISBN 978-65-84897-76-2

1. Aprendizagem. 2. Ensino. I. Ribeiro, Danielly Berneck Coas. II. Silva, Jadilson Marinho da. III. Lindstron, Jacqueline Andreucci. IV. Título.

CDD 370.1523

Índice para catálogo sistemático

I. Aprendizagem



Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s)
autor(es).
Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-
SemDerivações 4.0 Internacional.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA
(Editor-Chefe)
Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA
Prof. Dr. Aldrin Vianna de Santana-UNIFAP
Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA
Prof^a. Dra. Renata Cristina Lopes Andrade-FURG
Prof. Dr. Clézio dos Santos-UFRRJ
Prof. Dr. Rodrigo Luiz Fabri-UFJF
Prof. Dr. Manoel dos Santos Costa-IEMA
Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA
Prof. Dr. José Moraes Souto Filho-FIS
Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos-UEL
Prof^a. Dra. Maria de Fatima Vilhena da Silva-UFPA
Prof^a. Dra. Dayse Marinho Martins-IEMA
Prof. Dr. Daniel Tarciso Martins Pereira-UFAM
Prof^a. Dra. Elane da Silva Barbosa-UERN

“Acreditamos que um mundo melhor se faz com a difusão do conhecimento científico”.

Equipe Home Editora

Transformando o ensino e a aprendizagem: abordagens inovadoras para integrar tecnologia na educação"

Olá a todos !!!

A educação é um tema central em todas as sociedades, pois é por meio dela que as pessoas são capacitadas e preparadas para enfrentar os desafios da vida e contribuir para o desenvolvimento do seu país. Diante da importância da educação, diversos pesquisadores têm se dedicado a estudar suas diversas dimensões, desde a teoria pedagógica até as práticas mais eficazes para o ensino-aprendizagem.

É nesse contexto que surge a coletânea de artigos sobre educação, que traz uma série de estudos e reflexões sobre esse tema tão relevante. A coletânea reúne um conjunto de textos produzidos por especialistas de diferentes áreas, que abordam desde os aspectos mais gerais da educação até as questões mais específicas, relacionadas a cada nível de ensino e às diferentes disciplinas.

Os artigos que compõem a coletânea abordam temas como a importância da educação para o desenvolvimento humano e social, as estratégias mais eficazes para a aprendizagem, a formação dos professores, as políticas públicas para a educação, a inclusão de alunos com deficiência e a utilização de tecnologias digitais no ensino.

Além disso, os artigos também discutem questões relacionadas a cada etapa da educação, desde a educação infantil até o ensino superior, passando pelo ensino fundamental e médio. Cada autor apresenta uma perspectiva própria e baseada em sua experiência e formação, enriquecendo a coletânea com diferentes abordagens e visões sobre a educação.

A coletânea de artigos sobre educação é uma obra fundamental para quem se interessa pelo tema e busca se aprofundar no conhecimento sobre as teorias e práticas educacionais mais atuais e eficazes. É uma obra que deve ser lida por educadores, gestores educacionais, pesquisadores e estudantes, que encontrarão nela um valioso material para o seu desenvolvimento profissional e pessoal.

Prof José Carlos Guimarães junior

P.h.D

CAPÍTULO I

Technologies and collaborative learning environments

Autores

José Carlos Guimarães Junior

<https://orcid.org/0000-0002-8233-2628>

Doutor em Biodiversidade e Biotecnologia- Rede Bionorte
Universidade do Estado do Amazonas- UEA
profjc65@hotmail.com- Brasil

Julio Cezar da Silva

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1644-6053>

Mestre em Desenvolvimento Regional, Ambiental e Rural, UEMG, Brasil
Instituto Federal do Sul de Minas-Campus Passos
julio.silva@ifsuldeminas.edu.br

Kaio Cezar Cavalcante de Lima Santos

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2427-6904>

Mestre em Educação
Universidade do Sul de Santa Catarina- UNISUL, Brasil
kaio-cezar-ma@hotmail.com

Carlos Alberto Feitosa dos Santos

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6238-0748>

Mestrando em Psicologia
Universidade Ibirapuera – UNIB, Brasil
feitosa2006@yahoo.com.br

Hellyegenes de Oliveira

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4143-0117>

Universidade Estácio de Sá, Universidade do Sul de Santa Catarina,
Brasil
hellyegenes@hotmail.com

Victor Nathan Fontes Silva

<https://orcid.org/0009-0004-1842-2073>

Doutorando na Universidade Federal de Sergipe – UFS, Brasil
victornfs1990@gmail.com

Katia Regina Araujo de Alencar

<https://orcid.org/0000-0002-5800-3197>

Universidade de Brasília, Brasil
katiadealencar@gmail.com

Fernando Bueno Vieira

<https://orcid.org/0000-0002-5047-3071>

Mestre em Estudos Latino-americanos pela Universidade Federal da Integração Latino-americana

Professor da rede estadual de ensino do Paraná.

fernando.buenofoz@hotmail.com

Brasil

Adão Rodrigues de Sousa

<https://orcid.org/0000-0002-7348-5876>

Pós Graduado em Educação Física Escolar com ênfase infantil.

Unopar, Brasil

adao.sousa@unemat.br

Roberto Lopes Sales

<https://orcid.org/0000-0003-3656-6797>

Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil

robertolopesales@hotmail.com

ABSTRACT

The present theme was chosen through the need to contribute to a more meaningful education of students in the use of technologies in the classroom. The general objective of the research emphasized the importance of teacher qualification in the use of technologies in the classroom. Specifically, the theoretical framework addressed the challenges faced by teachers and the need to break down barriers; it also discussed how technology influences the learning process. The methodology used in the research consisted of a bibliographic analysis, where it was possible to analyze several authors who deepen their knowledge in this area, highlighting its importance. The research concluded with the idea that learning is a very important sector in the country, and therefore deserves all the governmental attention and the necessary investments for it to develop, either through public policies oriented to public teaching institutions, or in the formation of these professionals.

Keywords: Education; Teacher; Technologies; Learning environment.

RESUMO

O presente tema foi escolhido através da necessidade de contribuir com a educação mais significativa dos alunos, no uso das tecnologias nas salas de aula. O objetivo geral da pesquisa frisou a importância da qualificação dos professores no âmbito do uso das tecnologias em sala de aula. Em específico o referencial teórico abordou os desafios enfrentados pelos professores e a necessidade de quebrar barreiras, também foi discorrido sobre como a tecnologia influencia no processo de aprendizagem. A metodologia empregada na pesquisa consistiu em uma análise bibliográfica, onde foi possível analisar diversos autores que aprofundam seus conhecimentos nessa área, destacando as suas importâncias. A pesquisa teve como finalização da ideia, que a aprendizagem é um setor muito importante do País, diante disso merece toda atenção governamental e investimentos necessários para que se desenvolva, seja através de políticas públicas orientadas as instituições de ensino público, bem como na formação desses profissionais.

Palavras-chave: Educação; Professor; Tecnologias; Ambiente de aprendizagem

INTRODUÇÃO

Os professores desempenham um papel muito importante ao usar a tecnologia em sala de aula, tendo em vista que a sala de aula é um grande espaço de aprendizagem e os professores se esforçam para que o conhecimento se torne mais agradável e eficiente.

Com o uso da tecnologia, pode-se ampliar esse espaço buscando novos conceitos, linguagens, e expressão que trazem novos métodos de ensino, a tecnologia fornece ferramentas, e produz diferentes métodos de ensino.

O uso da tecnologia desempenha um papel importante na educação, também é preciso analisar essa nova ferramenta de ensino, planejamento e controle na aprendizagem complexa, é necessário encontrar novos métodos de ensino e a internet trouxe enormes possibilidades de produzir diferentes formas de ensino, no sentido de que é necessário que os professores busquem entender a técnica da

informação e comunicação digital, inserindo conteúdo significativo de forma agradável, ampliando o conteúdo.

Ao longo do trabalho foram abordadas as questões dos desafios enfrentados pelos professores, e a forma que estes desafios podem ser superados, o texto argumentou a necessidade de vencer essas barreiras para que se tenha progresso na aprendizagem dos alunos.

A metodologia utilizada para elaborar este trabalho foi pesquisas em diversas revistas, livros, a conclusão do trabalho se deu pela grande necessidade e importância de utilizar as tecnologias na sala de aula.

2 Desenvolvimento

2.1 Tecnologia no processo de aprendizagem

O conceito generalista de aprendizagem é definido como o processo de adquirir ou modificar conhecimentos, habilidades, e comportamentos, o processo de aprendizagem é o nome dado à prática de desenvolvimento pessoal ou profissional, ocorre em novas habilidades, conhecimentos, valores ou comportamentos, é progressivo, adquirido em diferentes etapas, sempre levando em consideração o conhecimento prévio da pessoa (Araujo, 2014).

A tecnologia no processo de aprendizagem é essencial para preparar as pessoas para a nova realidade e transformar a educação em uma experiência completamente diferente do que vimos no passado, embora o ensino tenha mudado com a sociedade, nunca mudou tanto quanto nas últimas duas décadas, e essas mudanças só estão acontecendo por causa da revolução digital, outro resultado dessa evolução é que a revolução digital trouxe smartphones, computadores, notebooks e tablets, que facilitaram muito o acesso a conteúdos, agora disponíveis em diversos formatos (Cavalcante, 2016).

A evolução do mundo mudou as relações e a forma como elas acontecem, o ensino não é exceção, foi-se o tempo em que o processo de aprendizagem acontecia apenas mecanicamente, quadro-negro, giz,

moderador na frente, alunos calados este não é o modelo que a sociedade quer e precisa hoje.

Novas relações, novos mercados de trabalho, antigas ocupações sendo eliminado, esse é o cenário criado pela revolução digital e continuará por muitas gerações, isso significa que o processo de aprendizagem também precisa mudar para garantir que mais habilidades e competências sejam desenvolvidas e que as profissões atuais sejam independentes, capazes de processar e resolver problemas, aprender a realizar tarefas e adquirir conhecimento necessário (Costa, 2014).

Indiscutivelmente, a tecnologia no processo de aprendizagem é fundamental para preparar as pessoas para esta nova realidade, para testar essa afirmação, precisa-se saber mais sobre a cena em que se está inserido e quais são os papéis de alunos e professores nesse ambiente.

A primeira revolução industrial trouxe muitas mudanças, mas a maior delas foi à utilização de máquinas no processo de trabalho, após esse marco, surgiram novos patamares de industrialização, por exemplo, na segunda revolução industrial, ocorreu à produção em massa, o trabalho foi automatizado, novos processos foram criados e a eletricidade foi implementada. A terceira revolução industrial, também conhecida como revolução da informação, ocorreu após a Segunda Guerra Mundial (1930-1945) e continua até hoje. Essa revolução simboliza um grande período de desenvolvimento tecnológico que trouxe a modernidade que se conhece e com a qual nos relacionamos hoje (Daher, 2014).

Na terceira revolução industrial, a tecnologia passa a desempenhar um papel importante no processo de aprendizagem, o mundo começou a precisar de pessoas com habilidades para lidar com as novas máquinas, e as novas ainda começaram a serem ferramentas para adquirir essas e outras habilidades.

Assim, em um ambiente educacional, a tecnologia se torna o conector, a relação entre a tecnologia e os professores quando se pensa

em tecnologia torna qualquer coisa acessível via internet, muitas vezes se pensa em professores nesse ambiente, e a tecnologia substituirá essa profissão? Bem, antes da revolução da informação, o professor era visto como a pessoa que possuía todo o conhecimento e os alunos ia às instituições de ensino para aprender com ele, com a tecnologia possibilita o acesso a novas fontes de conhecimento, o professor precisa repensar seu papel nessa situação, mas não, essa não é uma profissão que vai morrer com a tecnologia (FREIRE, 2016).

Atualmente, o professor em sala de aula deve estimular a busca de novos conhecimentos, colocar o aluno na posição de questionar, e permitir que ele expresse suas opiniões, emoções e sentimentos, dessa forma, ele se torna um mediador nesse processo de descoberta, a tecnologia torna-se um recurso facilitador desse conhecimento, possibilitando o desenvolvimento de cursos contextualmente relevantes, dinâmicos, diversos e práticos que atendam às necessidades de novos públicos e mercados (Lollini, 1991).

2.2 Como usar a tecnologia no ambiente de aprendizagem?

A tecnologia no campo de estudo é usada de maneiras diferentes, por exemplo, pode-se apreciar que este recurso pode servir como ferramenta de apoio e extensão para a sala de aula isso porque pode ir desde o reforço de referências ao conteúdo original até o esclarecimento de possíveis dúvidas durante o estudo (Godoi, 2014).

O processo mais interativo e interessante pode ser ensinado de forma mais interativa e divertida, mesmo os conteúdos mais técnicos e intensivos, aliás, essa é inclusive a demanda do mercado atual, onde o público prefere conteúdos dinâmicos, e a tecnologia é o recurso fundamental dessa nova realidade. Alguns exemplos que pode ser citado de agregar a tecnologia ao processo de aprendizagem de forma mais lúdica, é o uso de jogos ou essa alternativa é adequada para qualquer tipo de ambiente de aprendizagem, desde salas de aula até treinamentos corporativos (Meirieu, 2008).

A última revolução industrial mudou principalmente a forma de como é a comunicação, é neste ambiente que surgiram as redes sociais, aplicativos de compartilhamento de informações, etc. Com esse recurso, os alunos podem desenvolver seu próprio ambiente conectado e compartilhar outros materiais que contribuem para o processo de aprendizagem, criar peças em tempo real, realizar reuniões online para discutir projetos e muito mais.

2.3 Tecnologias educacionais

Longe vão os dias em que a eletrônica era considerada inimiga do aprendizado, com a onipresença digital, é impossível fingir que o mundo e suas possibilidades não existem ou acreditar que não deveriam fazer parte da vida das pessoas, é difícil não ver pessoas, mesmo crianças pequenas, movendo habilmente seus telefones, tablets e outros dispositivos. Mas por que não aproveitar o que essas inovações podem oferecer também em escolas e empresas? A tecnologia educacional pode demonstrar que, sim, é possível aproximar esse mundo da aprendizagem e tornar o processo mais envolvente, dinâmico e ainda mais eficaz (Moran, 2016).

No caso da Microlearning, ou seja, a micro aprendizagem essa estratégia é uma forma de facilitar o aprendizado ao fornecer doses menores de conteúdo educacional isso não significa que o aprendizado será superficial, muito pelo contrário, a maior mudança nessa abordagem é como as informações são apresentadas, em vez de apresentar um conteúdo amplo de uma só vez, o que pode causar desconforto e até aumentar o potencial de distração do aluno, são divididas as informações em estruturas menores, por exemplo, por assunto e outros segmentos (Ribeiro, 2011).

Portanto, no modelo de micro aprendizagem, as disciplinas são organizadas de forma que não exija do público muito tempo e atenção no aprendizado, reduzindo assim a distração durante o processo de aprendizagem (Teruya, 2006).

Aprendizagem ao longo da vida com a expectativa de vida está cada vez maior e o número de pessoas tendo que se reinventar na carreira após anos no mercado, é natural que a educação não seja mais vista como algo que termina na juventude. A educação continuada é uma tendência que vai ganhar cada vez mais força, sem falar na facilidade que a tecnologia educacional sempre proporcionou com a internet (Freire, 2016).

Dessa forma, o aprendizado se torna algo vivo, isso significa que essa nova necessidade deve ser atendida, criando conteúdo para pessoas de todas as idades.

2.4 Desafios enfrentados pelos professores e a necessidade de quebrar barreiras

O grande desafio dos professores não é apenas utilizar os recursos tecnológicos, é seguir os princípios conducentes com à construção e aprendizagem do conhecimento significativo, interdisciplinar e integrador, as escolas precisam deixar de ser apenas um tele transportador.

A informatização fortalece o aprendizado prático e objetivo, é necessário buscar informações fazer pesquisas, desenvolver projetos ao invés de transmitir conteúdo específico, os professores geralmente não estão prontos ou dispostos a reformular seu modo de ensinar (Freire, 2016).

É necessário urgentemente quebrar essas barreiras através do uso de computadores, os professores irão explorar vários meios tecnológicos digitalização, permitindo assim a aquisição e extensão do conhecimento, é necessário criar ambientes de aprendizagem que facilite os processos de desenvolvimento da propriedade intelectual dos alunos dentro e fora da sala de aula.

Os professores desempenham um papel muito importante ao usar a tecnologia em sala de aula porque ele deve ter a responsabilidade de motivar e manter a atenção de todos conteúdo de discussão e pesquisa,

no mundo atual conectado com a tecnologia, se vê cada vez mais crianças brincarem com celulares e tablets, porém é importante usar a tecnologia não apenas para entretenimento, mas para algo vantajoso.

Portanto, é necessário aprender a usar a tecnologia para ajudar os alunos com dificuldades, até certo ponto, as atitudes dos professores em relação aos alunos e à tecnologia devem ser respeitadas e organizadas, os alunos devem se concentrar para conseguir executar tarefas corretamente e procura ampliar o conhecimento ou aplicar esse conhecimento do uso da tecnologia (Cavalcante, 2016).

2.5 A relação dialética entre a adesão e a crítica às novas tecnologias

A educação sem o uso das novas tecnologias se resume as simples palavras do professor, e o espaço da sala de aula torna-se um ambiente monótono sem nenhum estímulo ao principal elemento de fluidez do processo, cabe aos professores buscar conhecimento sobre o uso adequado das novas tecnologias, pois toda ferramenta utilizada para mediar a interação professor-aluno é considerada uma ferramenta tecnológica.

Os educadores devem desempenhar um papel na sociedade que vai muito além do fingimento, o papel do educador é prestar serviços dentro da comunidade estudantil que sejam propícios ao seu desenvolvimento, bem como pesquisas que contribuam de alguma forma para o crescimento intelectual dos alunos.

Quando se pensa em tecnologia a favor da educação, deve-se pensar nela como um conjunto de ferramentas que proporcionam ao professor múltiplas vantagens, como a praticidade de adquirir as informações necessárias para acumular conhecimento ao longo de sua vida.

A combinação de métodos antigos com novas linguagens e descobertas tecnológicas vem fornecendo o suporte necessário no desenvolvimento de atividades para os professores que persistem em

utilizá-la, apoiar a educação com a tecnologia é saber usar a tecnologia como suporte para auxiliar na busca da qualidade no processo educacional.

Os novos recursos tecnológicos são pensados para auxiliar os professores no processo de ensino, cabendo aos professores entender quais recursos utilizar, quando utilizá-los e como utilizá-los, a pesquisa científica deve fazer parte da vida do educador, pois dessa forma, o professor supera o conhecimento existente em determinado assunto e abre um novo mundo de descobertas por meio da curiosidade e dos interesses de cada um e, claro, sabendo diferenciar o seu material do de todos através desta pesquisa.

O educador precisa ser flexível, paciente e crítico sobre o que pretende fazer e se tornar, o mesmo compromisso deve ser assumido na orientação dos alunos para a vida, desta forma mostra aos jovens alunos que é preciso sempre fazer escolhas coerentes e planejar tudo para conseguir, de acordo com Paiva (2008), as ferramentas tecnológicas que foram utilizadas na educação desde o início de sua história e ainda hoje são utilizadas nas salas de aula (Paiva, 2008).

Visões inovadoras na troca de transmissão de informações trazidas pelas novas tecnologias são ferramentas muito importantes que ressignificam o processo de ensino, nas ações os professores, nas interações pessoais e diretas com o público. A educação é um processo complexo que usa medidas de algum tipo de estilo de comunicação para complementar ou apoiar o comportamento dos professores em suas interações pessoais e diretas com os alunos.

A tecnologia da escola aumentará o nível de desenvolvimento sensorial, e a nova tecnologia estimulará a expansão do limite sensorial e, assim, estimulará o potencial cognitivo do ser humano. As ferramentas tecnológicas têm inspirado uma mudança acentuada nos métodos de ensino e nas formas de discurso escrito, com grande adaptabilidade às novas tecnologias.

3 Metodologia

Buscando responder a problemática dessa pesquisa, faremos uso de indicadores quantitativos exploratórios, que permite a inferência de conhecimento sobre as circunstâncias que cercam a produção e recepção dessa pesquisa.

As pesquisas exploratórias: são investigações de pesquisa empírica, cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: (1) desenvolver hipóteses; (2) aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa; (3) modificar e clarificar conceitos. Empregam-se geralmente procedimentos sistemáticos ou para a obtenção de observações empíricas ou para as análises de dados (ou ambas, simultaneamente). Obtêm-se frequentemente descrições tanto quantitativas quanto qualitativas do objeto de estudo, e o investigador deve conceituar as inter-relações entre as propriedades do fenômeno, fato ou ambiente observado. Uma variedade de procedimentos de coleta de dados pode ser utilizada como entrevista observação participante, análise de conteúdo etc., para o estudo relativamente intensivo de um pequeno número de unidades, mas em geral sem o emprego de técnicas probabilísticas de amostragem. Muitas vezes ocorre a manipulação de uma variável independente com a finalidade de descobrir seus efeitos potenciais. Lakatos (2017, p. 227).

Este estudo foi relacionado a uma pesquisa de cunho bibliográfico e documental, onde as pesquisas bibliográficas são um tipo específico de produção científica, embora o uso de métodos científicos seja uma característica definidora das ciências, nem todas as áreas de estudo que empregam esses métodos são consideradas ciências, portanto, usar métodos científicos não é o único domínio da ciência, mas a ciência não pode existir sem isso.

Método é o conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite atingir o objetivo de produzir

conhecimento confiável e autêntico, traçando o rumo a ser percorrido, identificando erros e apoiando as decisões do cientista. (Lakatos, 2017, p. 105).

O método de abordagem, situam-se em níveis claramente diferentes, em relação à sua linha filosófica, ao seu grau de abstração, à sua finalidade mais ou menos explicativa, à sua ação nas etapas mais ou menos concretas da investigação, e como contribuição aos esforços de distinção entre os termos, diríamos que a metodologia se caracteriza por uma abordagem mais abrangente dos fenômenos sociais e naturais em um nível mais alto de abstração, deste modo, o método de abordagem, será indutivo. Diante disso, o mesmo autor ensina sobre o método utilizado em uma pesquisa científica, como tendo a característica:

Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal. O objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.

Partindo da premissa de que as normas, instituições e costumes sociais atuais têm raízes históricas, é fundamental pesquisar suas origens para compreender sua natureza e finalidade, utilizando-se do método histórico comparativo.

O referencial teórico deu-se com a utilização de base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos, legislação, base de dados de pesquisas acadêmicas como Biblioteca digital de teses e dissertações; SciELO (Scientific Electronic Library Online); Periódicos CAPES; Google Acadêmico e da Biblioteca Digital da Universidade de Brasília-UNB.

De acordo com Lakatos (1998), a pesquisa é um procedimento formal que emprega um tratamento científico e constitui uma forma para conhecer a verdade e compreender a realidade. Pesquisar é descobrir novos fatos, dados, relações e leis em qualquer área do conhecimento, através de um método sistemático para revisão bibliográfica.

Em qualquer área do conhecimento, através do método de revisão bibliográfica, segue a linha de raciocínio:

"A pesquisa aplicada tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos da pesquisa básica." (GIL, 1998).

Essa pesquisa também pode ser considerada como qualitativa, onde para André (2013), embora este tipo de pesquisa se caracterize por lidar com aspectos subjetivos, ainda assim o pesquisador precisa seguir um rigor metodológico ao optar por este tipo de abordagem para fins de pesquisa. O estudo também pode ser considerado como explicativo. Gil (2019) afirma que neste tipo de estudo o pesquisador busca detectar e detalhar os fatores que corroboram para a ocorrência de um dado fenômeno.

A lógica de execução do estudo no que tange aos seus resultados consistiu na seleção de pesquisas que tragam em seu teor aspectos relevantes e que possam tornar mais profícuo o debate sobre formação de professores para a educação básica num contexto de inclusão.

4 Considerações finais

Para o setor acadêmico, a execução deste trabalho é muito importante porque os conhecimentos adquiridos no curso serão alinhados, tendo em vista que a aprendizagem é um instrumento de crescimento positivo em todas as áreas do País, e merece sempre ser destaque de estudos.

Os resultados dessa pesquisa deixam claro que a tecnologia é necessária para o avanço do conhecimento devido ao amplo acesso à informação de forma rápida, abrangente e global.

Nesse contexto, Otto (2016) aponta o significativo quantidade de informações que as crianças e os jovens consomem por meio das TIC e tecnologias tradicionais, bem como a necessidade de orientar os alunos sobre os riscos associados às fontes de enquete, mantendo sempre uma

postura ética e crítica. atitude pedagógica, sendo o professor um dos responsáveis por garantir a aprendizagem do aluno reconhecemos que é preciso criar e redesenhar as salas de aula para que façam uso das ferramentas tecnológicas e, com isso, o aluno passe a enxergar a sala de aula com mais interesse ou até mesmo de forma divertida.

Além disso, como as classes consistem em ambos os tipos de agentes de aprendizado, conseqüentemente, é importante que os alunos participem dessas práticas de recursos digitais.

O ambiente educacional atual exige planejamento, atitudes inovadoras, pesquisas motivadoras e pesquisas, onde as instituições de ensino, necessitam repensar seus métodos e trabalhar para formar seus professores. ser capaz de se adaptar novas tecnologias.

Berlato (2016) observa que os palestrantes devem planejar cuidadosamente o material relevante para tornar as palestras mais interessantes, variadas e produtivas, onde o uso da tecnologia como ferramenta de enquete e estratégia metodológica é fundamental.

No entanto, a escola tem um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem ao fornecer recursos tecnológicos e capacitação profissional para que professores e alunos entendam como e quando usar as tecnologias digitais para apoiar práticas e processos pedagógicos e avaliativos em sala de aula.

Esse tema nos leva a perceber que, embora ainda existam discursos conflitantes entre tecnologia e educação, ainda acreditamos que ambos os lados podem trabalhar juntos para incentivar o aprendizado de maneiras mais envolventes e dinâmicas.

Desta forma, é sempre fundamental enfatizar que a motivação pode ser o principal impulsionador de novas possibilidades de entrega de conteúdo, bem como o desenvolvimento de métodos de aprendizagem cada vez mais diferenciados.

Procurou-se usar o conhecimento teórico pertinente ao assunto como base para a elaboração da pesquisa, tendo como foco a as tecnologias em sala de aula.

O objetivo do presente estudo foi realizar uma revisão integrativa da literatura a fim de compreender quais desafios os alunos enfrentam na sala de recursos multifuncionais, onde foi possível verificar que existe a necessidade de uma ação comprometida com a aprendizagem de todos os estudantes, é que reconheçam as diferenças de práticas das territorialidades e valorize a diversidade cultural.

Através das análises bibliográficas percebeu-se as dificuldades dos alunos que enfrentam no processo ensino aprendizagem, que estão direcionadas para o atendimento educacional especializado, onde, inclui a formação do professor com as habilidades necessárias, utilizando-se dos recursos tecnológico, de maneira que todo esse processo seja coberto de êxito.

Assim, partir do presente estudo, é possível analisar o ambiente escolar, e como a tecnologia pode auxiliar alunos e professores no momento de passar a matéria, portanto é necessário que existam investimentos para que se tenha sucesso, os órgãos governamentais devem investir mais em tecnologia para o ensino, também deve treinar os professores, pois afinal na faculdade os professores aprendem as disciplinas teóricas, devendo estes receber curso de capacitação para aprender mais sobre como manusear um computador, e assim os professores vão ter uma maior eficácia nas atividades instrucionais usando tecnologias digitais que reduzem o estresse aulas que melhoram o aprendizado.

É necessário também quebrar essa barreira entre a tecnologia e o professor, não devem enxergar a tecnologia como sendo um vilão, e sim um aliado da aprendizagem, finalmente diante de tudo que fora apresentado é notório que uma ferramenta de mudança deve ser proposta, é necessário investir na qualificação dos professores para que estes aprendam a utilizar a tecnologia como forma de transmitir a aprendizagem.

Nesse sentido, grande é os desafios do processo de aprendizagem, para os alunos e educadores, mas fato é que, as conquistas precisam

partir do microambiente, de escola por escola, que possuem suas particularidades.

Isto é, se faz necessário onde a gestão escolar esteja empenhada em tornar a escola em uma comunidade escolar inclusiva e acessível para todos, tornando o Projeto político pedagógico-PPP, um documento flexível e respeitando os direitos adquiridos pelos alunos com diferenças, deficiências, transtornos, síndromes, raças, cor, sexualidade entre outras quaisquer diferenças.

Isso se deve ao fato de, que a escola necessite desenvolver culturas, políticas e práticas que valorizem as diferenças de cada aluno, e com isso, aconteça a construção dos conhecimentos sem discriminação ou comparações.

O processo de educação escolar precisa de uma organização sociopsicológica minuciosa nos casos de deficiência no processo ensino aprendizagem, e na formação de professores; sabendo que as normas gerais de desenvolvimento são as mesmas para todo o alunado.

Considerando todos os objetivos propostos inicialmente, foram concluídos e em análise e estudos relacionados a essa temática, a abordagem desejada foi abrangida com sucesso, ressaltando de maneira geral todos os pontos necessários para que seja atingido um pensamento sobre o tema de modo preciso.

REFERÊNCIAS

André, M. (2013). **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** Revista da FAEEBA, 22(40), p. 95 – 103.

ARAUJO, Felipe. **Geração** X. <http://www.infoescola.com/sociedade/geracao-x/>

CAVALCANTE, Márcio Balbino **A educação frente as novas tecnologias: Perspectivas e desafios.** 2012.

COSTA, Johnatan. Silva. **A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça?** 2014.

DAHER, Eduardo – **Tecnologia no Campo**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opiniao/tecnologia-no-campo-11669122#ixzz2wGyByTto>.

FREIRE, F. M. P.; PRADO, M. E. E. B.; MARTINS, M. C.; SIDERICOUDES, O. **A implantação da informação no espaço escolar: questões emergentes ao longo do processo**. Revista Brasileira de Informática. n° 3, 1998. Disponível em: . Acesso em: 25 ago. 2016.

Gil, A.C. (2019). **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas.

GODOI, Guilherme Canela. **Desafio aos professores: aliar tecnologia e educação**. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/desafio-aosprofessores-aliar-tecnologia-educacao>.

LOLLINI, Paolo. **Didática e computador: quando e como a informática na escola**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

MEIRIEU, Philippe. **O Desafio de Democratizar a Escola**. Tradução e entrevista publicada por Fernanda Bagotini. Pátio – Revista Pedagógica, n° 47, p. 29,

MORAN, José Manuel. **A integração das tecnologias na educação**. 2000. Disponível em: . Acesso em: 25 ago. 2016.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **O Uso da Tecnologia no Ensino de Línguas Estrangeira: breve retrospectiva histórica**. Disponível em <www.veramenezes.com/techist.pdf> acesso em 2 ago. 2022.

RIBEIRO, E. A. M. **Resistência do Professor em Trabalhar com Computador em Sala de Aula**. 2011. Relatório analítico final do curso de Pós-graduação lato sensu em coordenação pedagógica. Universidade Federal do Tocantins. Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica de colinas do Tocantins.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação**. Maringá, PR:Eduem, 2006.

CAPITULO II

PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM HÍBRIDAS: O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM CLASSES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Luciana Figueredo Almeida

Mestranda em educação- UNASP

<https://orcid.org/0000-0003-4770-1536>

Especialista em gestão educacional, metodologia do ensino, pesquisa e extensão, história e cultura afro-brasileira e indígena e em educação física escolar.

lucianafialgo@yahoo.com.br, Brasil

Patrícia dos Santos Costa de Oliveira

Mestranda em Educação - UCS

Pedagoga e Bacharel em Direito. Especialista em Neuropsicopedagogia, Psicopedagogia, Gestão, Coordenação e Orientação Educacional, Tecnologias e Educação a Distância, e Docência do Ensino Superior

pattideoliveira@hotmail.com

Fernando Bueno Vieira

<https://orcid.org/0000-0002-5047-3071>

Mestre em Estudos Latino-americanos pela Universidade Federal da Integração Latino-americana

Professor da rede estadual de ensino do Paraná.

fernando.buenofoz@hotmail.com

Brasil

José Carlos Guimarães Junior

Doutor em Biodiversidade e Biotecnologia

Instituição: Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

profjc65@hotmail.com

Marttem Costa de Santana

Doutor em Tecnologia e Sociedade (UTFPR)

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI)

marttemsantana@ufpi.edu.br

Jadilson Marinho da Silva

Doutor em Ciências da Educação

Universidad de la Integración de las Américas

<https://orcid.org/0000-0001-9416-8549>

jadilson.marinho@gmail.com, Brasil

Lívia Barbosa Pacheco Souza

Especialista em Educação em Gênero e Direitos Humanos pela
Universidade Federal da Bahia (NEIM-UFBA)
Instituição: Universidade Federal da Bahia (NEIM-UFBA)
adm.liviapacheco@gmail.com

Resumo

Este estudo tem por objetivo geral analisar a relevância e a necessidade da inserção de Tecnologias de Informação e Comunicação em classes de Educação Infantil, destacando a Formação Docente como recurso catalisador deste processo perpassando pela contextualização histórica da inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação no âmbito escolar, assim como os tipos que mais são utilizados em sala de aula pelos docentes; pela descrição em linhas gerais da formação docente frente às novas tecnologias e suas aplicabilidades em sala de aula por fim pela apresentação dos desafios e as possibilidades do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação para a efetividade do processo de ensino e aprendizagem de estudantes da Educação Infantil. Adotou-se a pesquisa bibliográfica como método para coleta de dados e informações para construção do artigo, chegando-se à conclusão que é fundamental que os profissionais da educação compreendam como deve se dar a aplicação de forma assertiva das tecnologias em suas práticas pedagógicas, de modo que seus alunos desenvolvam a aprendizagem significativa construindo conceitos e conseqüentemente os empregando em seus cotidianos.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação e Comunicação. Formação Docente. Aprendizagem Significativa.

1. INTRODUÇÃO

É de conhecimento comum que a tecnologia é uma ferramenta essencial para a comunicação e auxilia no processo de construção do entendimento entre instrutores e alunos. Viver em uma época em que a busca contínua pelo conhecimento é inevitável. Devido às mudanças em curso no mundo, a informação é hoje um fator determinante e um requisito para o exercício de qualquer atividade humana. Há muita

discussão sobre a influência da tecnologia na vida das pessoas. Em muitas circunstâncias, passa despercebido que ela está se firmando no cotidiano dos sujeitos.

As novas Tecnologias da Informação e Comunicação também são chamadas de Tecnologias da Informação, Comunicação e Expressão, Tecnologias Digitais, Novas tecnologias, entre outros. No contexto da sala de aula, chamam também de informática educativa. Não parece haver, na literatura, um consenso claro sobre uma única definição que abranja a diversidade de recursos que envolvem o tema.

Neste contexto, torna-se imprescindível a preparação do futuro professor para o uso das TICs não se limite à simples exploração técnica de tais recursos. Também não pode se limitar ao “como ensinar” com tais recursos. É preciso também fornecer condições para que o professor saiba “como se aprende” com tais recursos. O “como ensinar” e “como se aprende” precisam ser trabalhados de forma integrada. A multiplicidade de informações que caracterizam esta última década impulsionou uma série de medidas governamentais no sentido de adequar a escola às exigências socioculturais e às demandas da tecnologia.

Oportuno aqui reiterar que, o uso de ferramentas tecnológicas na Educação Infantil, objeto deste estudo, como práticas educativas, oportuniza vivências interativas que contribuem para a apropriação do conhecimento, coadunando com uma aprendizagem significativa, além de estimular o desenvolvimento da autonomia dos discentes. Todavia, assim como qualquer inovação a ser aplicada em sala de aula, existem alguns percalços a serem percorridos. Dado o exposto, este estudo busca responder ao seguinte questionamento: qual a relevância da Formação Docente perante os desafios e perspectivas para a inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação em classes de Educação Infantil?

Para responder a este questionamento delimitou-se como objetivo geral: analisar a relevância e a necessidade da inserção de Tecnologias de Informação e Comunicação em classes de Educação Infantil, destacando a Formação Docente como recurso catalisador deste

processo, sendo este fragmentado originando-se os seguintes objetivos específicos:

(a) Contextualizar historicamente a inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação no âmbito escolar, assim como os tipos que mais são utilizados em sala de aula pelos docentes;

(b) Descrever em linhas gerais a formação docente frente às novas tecnologias e suas aplicabilidades em sala de aula por fim,

(c) Apresentar os desafios e as possibilidades do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação para a efetividade do processo de ensino e aprendizagem de estudantes da Educação Infantil.

A escolha do tema justifica-se por propiciar um conhecimento mais aprofundado acerca das possibilidades e vantagens da utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para otimização, apoio e ampliação dentro das possíveis contribuições comunicativas e informáticas nas práticas pedagógicas do professor em seu cotidiano escolar em classes de Educação Infantil, pressupondo que essas tecnologias podem se revelar como relevantes ferramentas para a expansão de uma educação de qualidade e constituição da cidadania dos discentes.

O estudo foi desenvolvido com base no método dedutivo, utilizando-se a pesquisa bibliográfica, assumindo um caráter não experimental sendo que esse tipo de estudo não dispõe de uma variável independente. Ao contrário, o pesquisador observa o contexto em que o fenômeno se desenvolve e o analisa para coleta de dados e/ou informações. Outrossim, no concernente ao objeto de pesquisa, está se classifica como exploratória, considerando que seu objetivo está em proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a permitir a construção de hipóteses.

2. Tecnologias da informação e educação: um breve histórico

O processo torna a sociedade procurada e humano técnico que facilitasse seu grupo em e, como evoluiu, que buscou em seus principais

para a melhoria da vida, pois é o grupo de comunicar - se nesse sentido. Chegou à era tecnológica como um poderoso recurso a serviço do aprendizado da sociedade, mas o processo passou por várias etapas e produziu invenções que acabaram sendo extremamente significativas para toda a sociedade (BIELSCHOWSKI, 2009)

Ao longo do século XX, mais precisamente entre os anos de 1940 e 1970, ao longo da história, a humanidade progrediu em termos de produção e consumo, impulsionada por suas necessidades. (PINTO 2005) Algumas evoluções passaram despercebidas, nesse sentido Pinto reintroduz o valor da realidade atual: o autor acredita que o progresso histórico é fruto de ideias propostas em diferentes épocas e por diferentes razões.

O ser humano sempre esteve em busca de formas de produzir seu próprio alimento e superar as adversidades, impostas de natureza, como resultado, ele foi inventando ferramentas como a colher, o martelo, a roda, entre outras coisas, no sentido de facilitar as condições de deslocamento, bem como as condições de trabalho, de determinada sociedade. (PINTO 2005)

É necessário reconhecer os avanços tecnológicos e o quanto o homem sempre evoluiu, nos primórdios das sociedades o homem se comunicava através de ilustrações, logo chegou a comunicação escrita em papel, alterando o modo de vida das pessoas em sociedade passando então por grandes evoluções de comunicação. (BIELSCHOWSKI, 2009)

Por volta do ano de 1860, o telefone é um dispositivo de comunicação que ainda é vital no mundo de hoje. Com a invenção do jornal e do telefone, o homem conseguiu avançar ainda mais com o desenvolvimento do rádio, marcando outro avanço significativo no desenvolvimento dos meios de informação em 1924, com a introdução da televisão, que possibilitou combinar técnicas jornalísticas, como imagens e figuras, com técnicas de rádio, como a fala. Depois de passar por toda essa evolução, a generalização do uso dos meios tecnológicos é que chamamos de Era da Tecnologia e Inovação, em 1943 se inicia a era do computador, quando era uma máquina massiva cuja função primordial

era realizar cálculos. Por se tratar de uma questão complicada que envolve trabalho, produção e tecnologia, em que renderia uma abordagem mais complexa no estudo, não há intenção de esgotar o assunto. (BIELSCHOWSKI, 2009)

Acrescente-se que a tecnologia é toda uma criação humana, adaptada a cada tempo e necessidade, e pautada pelo relacionamento de adaptações ao trabalho. De acordo com diversos estudos, a era da informação ou era digital corresponde à terceira revolução industrial, em que se enfatiza o potencial da informação, uma tecnologia de divulgação de informações no ciberespaço, um meio de comunicação virtual em que os instrumentos são os computadores e a internet, um meio de comunicação que permite que as pessoas se comuniquem virtualmente, que trouxe profundas informações, do ponto de vista científico e tecnológico na produção do conhecimento atual. (PRETTO, 2011)

De acordo com diversos estudos, a era da informação ou era digital corresponde à terceira revolução industrial, em que se enfatiza o potencial da informação, que ficou conhecida como sociedade da informação (SI), destacando a velocidade como um componente chave no estabelecimento de tecnologias de informação e comunicação, que conceituarem a SI partiram da perspectiva econômica. (MOREIRA, 2018)

A tecnologia de informação e comunicação (TIC'S), estão sendo vistas como aliado no processo educacional, a evolução das tecnologias é visível nos meios de produção e na criação de máquinas e documentos. Novas máquinas foram desenvolvidas utilizando outras fontes de produção, interferindo diretamente nas relações sociais, no tocante a sua implementação ainda há um déficit e representa um desafio para conseguir atingir a todos. (SOARES 2018) Processamento, transmissão, armazenamento de informações e interação foram todos sugeridos como estratégias possíveis, imprescindíveis na gestão de processos educacionais.

Observa-se que a sociedade está inserida em um processo de mudança, observa-se também que o acesso à informação não garante a

apropriação do conhecimento, contribuindo para agravar o processo de exclusão (BEHAR, 2013)

Navegar na internet como ferramenta de aprendizagem pode ser um processo de coleta de informações que, dependendo da situação, podem se transformar em conhecimento, criando um ambiente interativo de aprendizagem.

Diante dessa realidade, as escolas têm desafios em determinar como podem ajudar crianças, adolescentes e adultos a se tornarem usuários criativos e críticos dessas ferramentas, evitando se viciarem nelas. Com isso, seria necessário estudar, aprender e depois ensinar a história, a criação, o uso e a avaliação das ferramentas tecnológicas, analisando como estas são apresentadas na sociedade impacto e implicações de forma semelhante às mesmas.

É necessário observar a inserção das TICs na escola implica em muitos desafios, existem aqueles que acreditam que tudo o que precisa fazer é usar a tecnologia que já temos para desempenhar um papel positivo na educação. O segundo desafio, e talvez o mais difícil, é que devemos aprender a lidar com as novas tecnologias, e que esse processo não seja afetado por qualquer recebimento, mesmo que interfira diretamente na política de gestão. (BIELSCHOWSKI, 2009)

As novas tecnologias educacionais são uma ferramenta significativa para melhor compreensão do processo de aprendizagem, quando usada de forma responsável e criativa, a tecnologia pode proporcionar uma variedade de benefícios aos alunos e até mesmo aos professores. Com o aumento da popularidade dos dispositivos tecnológicos, é comum que as novas gerações tenham esses dispositivos integrados ao seu cotidiano, e as escolas não devem ficar imunes a essas influências. Quando um estado de equilíbrio é encontrado, o uso de ferramentas, software e mídia pode ajudar, desenvolvimento cognitivo dos alunos e auxílio do professor para despertar a curiosidade dos alunos.

O papel do professor dentro da rede de ensino é ser o transmissor do conhecimento, continua exercendo o papel de mentor em sala de aula,

mas, além disso, ele passa a desenvolver o papel de mediador e orientador no uso de novas tecnologias. (MORAIS, 2019)

Ao contrário do que se pensa, os recursos tecnológicos não foram instalados nas escolas para auxiliar os educadores em seu trabalho, mas sim para permitir que os alunos aprendessem com situações da vida real, no mundo e, mais importante, para que esse indivíduo seja capaz de agir sobre essa realidade, transformando-a e, por sua vez, transformando a si mesmo. Todo e qualquer conhecimento comporta uma série de ações, e todo indivíduo deve agir sobre o objeto de conhecimento para que ele seja reconstruído e até resignado. (MORAIS, 2019)

É vital lembrar que desde a década de 1950, os filósofos vêm chamando a atenção para o fato de que as tecnologias de informação e comunicação são semelhantes a uma escola onde os alunos são fascinados e atraídos, conhecer conteúdos diferentes da escola convencional, inicia-se nesse momento a análise do efeito da tecnologia sobre a sociedade e a educação. (FREIRE 2001)

É impossível fugir a esses acontecimentos, pois o computador e outros aparatos tecnológicos são vistos como necessidades dentro dos lares, e saber usá-los é visto como condição de empregabilidade e domínio cultural. (MORAIS, 2019)

A integração da tecnologia da informação e comunicação na sala de aula auxilia muito o aprendizado dos alunos, bem como a interação professor-aluno, pois ambos têm a capacidade de se comunicar por meio desse meio tecnológico, construindo então conhecimento através da escrita, o computador tornou-se um aliado no que tange ao adquirir conhecimento, pois se trata de uma ferramenta que auxilia nas resoluções dos problemas e otimização de tempo, o fazer e o refazer, cada indivíduo transformando o erro em algo que ser refeito e reformular instantaneamente para produzir novos saberes, quem investiga as tecnologias de informação e comunicação torna-se um emissor e receptor de informação, mais especificamente um leitor, escritor e comunicador, essa emaranhado de possibilidade ocorre graças ao poder. (SOARES, 2018)

A internet permite que os professores compreendam a importância de se tornarem parceiros de seus alunos, permitindo que eles explorem novos caminhos sem terem que se preocupar em tê-los experimentado antes. Por eles passar algum dia, despertando assim a descoberta de novos significados, permitindo aos alunos resolver problemas ou desenvolver projetos que tenham significado para sua aprendizagem, é nesse sentido, um processo que a educação resultaria em um exercício ético-democrático. (FREIRE 2001,).

3. A formação docente e as tecnologias da informação: desafios e possibilidades

A multiplicidade de informações que caracterizam esta última década impulsionou uma série de medidas governamentais no sentido de adequar a escola às exigências socioculturais e às demandas da tecnologia. A partir da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - LDB, visíveis investimentos têm sido realizados nas escolas, tanto em relação à capacitação de recursos humanos quanto de recursos físicos para a oferta de educação de qualidade, entendida aqui como adequada à preparação dos jovens para o mercado competitivo e exigente (BRASIL, 2013).

Relevante apontar que a incorporação das TIC's nas organizações educacionais, é vista como um obstáculo no cenário nacional, considerando que falhas de infraestrutura e de formação docente escassa são dimensões significativas que influenciam de forma objetiva o emprego proposital, crítico, reflexivo e, prolífero das tecnologias como mediadoras do processo de ensino e aprendizagem (BRAGA, 2018; THADEI, 2018).

A formação docente aqui mencionada, na percepção de Rocha e Nogueira (2019, p. 586) é:

[...] um processo de desenvolvimento que ocorre ao longo da vida profissional, em continuidade com a formação inicial e em estreita relação com a prática pedagógica. A formação é processo individual e social. Sendo assim, a formação passa a ser um processo que produz a identidade do professor, ampliando esse processo para a valorização do corpo profissional, construída pelo conhecimento das experiências que realizam. Pois, a mesma deixa de ser simplesmente a complementação da inicial, passando a ser um contribuinte na profissionalidade do professor.

Adicionando suas contribuições a essa ideia, Alvarado-Prada *et al.*, (2010, p. 370) apresentam o seguinte esclarecimento:

[...] a formação é também um processo de desenvolvimento humano e, portanto, profissional. No caso dos docentes, estes se desenvolvem principalmente nos contextos de seu trabalho exercido na instituição escolar onde criam relações alicerçadas em estruturas complexas que as sustentam ou permitem sua alteração. [...] é uma contínua caminhada dos profissionais da educação, em cujo caminhar atuam todas as suas dimensões individuais e coletivas de caráter histórico, biopsicossocial, político, cultural, próprias de seres integrais e autores de sua própria formação.

Complementando essa concepção, no concernente à formação continuada docente voltada para a utilização das TDIC'S, deve-se ter em mente que neste percurso de capacitação tecnológica, torna-se imprescindível que o professor saiba unir teoria e *práxis* de modo que possa reformular com base em seus conhecimentos prévios oriundos de sua atuação profissional, suas práticas pedagógicas (NIZ, 2017).

Corroborando com essa concepção, Pinho e Araújo (2019, p. 512) esclarecem que: “Pensar as formações contínuas de professores para que a ação pedagógica seja integrada com tecnologia, supõe que a proposta formativa seja elaborada a partir das necessidades da escola”.

Incontestavelmente, esta realidade remete a um cenário

educacional no qual as formações docentes devem ser desenvolvidas no sentido de que oportunize a formação integral do professor para a construção de novos saberes, os quais na percepção de Tardif (2011, p. 16):

[...] são uma realidade social materializada através de uma formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada etc., são também, ao mesmo tempo, os saberes dele.

Enfim, forçoso ponderar que a utilização das novas Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação como mediadora do ensino emergencial remoto, tem causado consequências tanto para a prática docente como para os processos de ensino e aprendizagem. Essas perspectivas se devem a diversos fatores conforme relatado anteriormente.

Deste modo, em resposta a esta realidade, é de suma importância que a postura tradicional de alguns docentes seja questionada e refutada, considerando que estes devem adotar enquanto facilitadores e moderadores do conhecimento práticas inovadoras que promovam uma educação de qualidade com foco na aprendizagem significativa para todos os discentes (RONDIN *et al.*, 2020).

4. Influência da TICS no processo de ensino aprendizagem de estudantes da educação infantil

Há muita discussão sobre a influência da tecnologia na vida das pessoas. Em muitas circunstâncias, as pessoas desconhecem que tal fato está acontecendo enquanto ela se estabelece no cotidiano dos sujeitos. Os indivíduos tornaram - se tão dependentes dela em uma variedade de circunstâncias que são incapazes de completar tarefas rotineiras. É

importante notar que isso ocorre naturalmente com todos os seres humanos, inclusive os alunos mais aptos a utilizar esses recursos. Diante disso, é possível afirmar que a tecnologia já influenciou o cotidiano dos alunos ao facilitar o aprendizado e a compreensão por meio do uso de seus recursos.

A tecnologia auxilia na melhoria da transmissão do conteúdo ao possibilitar a interação do aluno, o desenvolvimento de atividades, a criação e o acompanhamento, o que é diferente do ritmo das salas de aula tradicionais, onde o professor serve apenas como canal de informação.

A incorporação das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na educação tem ocasionado consequências tanto para a prática docente como para os processos de ensino aprendizagem. O aluno de hoje, de todos os níveis de ensino e socioeconômicos com o acesso (em grande, média ou pequena proporção) às novas tecnologias em seu cotidiano, assume um novo papel no contexto escolar, porque traz para a escola pré-requisitos a serem considerados e demonstra necessidades e expectativas mais objetivas quanto à sua formação

Em resposta a essa realidade, é fundamental o questionamento da postura tradicional do professor enquanto facilitador e mediador do conhecimento, em total divergência com as tendências atuais de agregação das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na educação, segundo a perspectiva construtivista (OLIVEIRA, 2015).

Quando falamos em educação em nosso tempo, precisamos situá-la a partir das demandas advindas dos avanços no campo da tecnologia, da comunicação e da informação. Vivemos o auge da Sociedade da Informação que, conforme especificam Coll e Monero (2010, p.15), trata-se de “uma nova forma de organização econômica, social, política e cultural (...) que comporta novas maneiras de trabalhar, de comunicar-se, de relacionar-se, de aprender, de pensar e, em suma, de viver”.

Deste modo, a educação necessita dialogar com as mudanças de cada contexto e época. Para tanto, é necessário ressignificar seus propósitos e ações a fim de munir o indivíduo de habilidades e conhecimentos que o permitam interagir eficazmente com essa realidade.

E, nesse contexto, as TICs ocupam lugar ímpar na tarefa de difundir e ofertar o suporte necessário, senão os meios mais adequados, para que isso ocorra.

Registre-se que o impacto que as TICs provocam no processo educacional de alunos da Educação Infantil é inegável e, vai muito além de apenas representar as mudanças cognitivas que, certamente, podem provocar nos seus usuários, representam também uma mudança no sentido macro das questões socioeconômicas e culturais, especialmente com o advento da internet, cuja inserção processual no cotidiano das pessoas, constitui-se “um novo e complexo espaço global para ação social e, por extensão, para o aprendizado e para a ação educacional” (CASTELLS, 2001 *apud* COLL e MONERO, 2010, p. 16). E, por isso, faz surgir um novo estilo de vida, um novo modo de comunicar-se, de informar-se, enfim, de posicionar-se diante da vida.

Partindo dessa premissa, pontua-se aqui a necessidade da compreensão correta da utilização das novas tecnologias na escola como veículo de promoção da aprendizagem, isso porque o desenvolvimento de uma sociedade do conhecimento e a importância das novas tecnologias na educação, não só no plano acadêmico, mas também nos planos social, cultural, científico e econômico, entre outros, fazem do conhecimento tecnológico um dos aspectos relevantes na educação de crianças matriculadas em classes de Educação Infantil.

5. Considerações finais

As inovações que a Tecnologia da Informação apresenta, tem colocado à disposição dos profissionais da educação recursos como computadores, internet e outras ferramentas a serviço da educação para a implementação na proposta pedagógica das redes de ensino, essa nova realidade implica em uma revolução intensa nos paradigmas educacionais, que poderá acrescentar métodos de ensino mais eficazes

na metodologia do ensino, sendo visto como uma oportunidade ímpar para a instituição de ensino.

Do mergulho e da compreensão aqui realizados, nota-se que para a efetividade da inserção das TDIC's como mediadoras do processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, é primordial que sejam ofertados aos professores, programas de formação continuada acerca da utilização dessas ferramentas na educação e ainda, que durante esses percursos formativos atividades práticas sejam demonstradas onde o docente possa reconhecer quais são as reais possibilidades de sua utilização nas mais diferentes áreas do ensino.

O objetivo se desdobra em inúmeras ações que devem ser implementadas na infraestrutura do novo ambiente de aprendizagem, uma vez que se tornará uma atividade que necessita de capacitação e conteúdo de interação e comunicação nas comunidades virtuais, para tal, vai ser necessário um olhar crítico para que em sua implementação não perca a qualidade do serviço e nem desperdice recursos público para alcançar a melhoria do processo de ensino e aprendizagem nas escolas públicas.

Por fim, é fundamental apresentar a estes profissionais como deve se dar a aplicação de forma assertiva das tecnologias em suas práticas pedagógicas, de modo que seus alunos desenvolvam a aprendizagem significativa construindo conceitos e consequentemente os empregando em seus cotidianos.

REFERÊNCIAS

ALVARADO-PRADA, Luis Eduardo; FREITAS, Thais Campos; FREITAS, Cinara Aline. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v.10, n.30, maio/ago. 2010, p. 367-387.

BEHAR, Patrícia Alejandra. **Competências em educação à distância**. Porto Alegre: Penso, 2013.

BIELSCHOWSKY, Carlos Eduardo. Tecnologia da informação e comunicação das escolas públicas brasileiras: o programa PROINFO

integrado. Revista e-curriculum. São Paulo. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/3256/2174>

BRAGA, Ryon. **Apresentação**. In: FAUSTO, Camargo; DAROS, Thuinie. A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 6-7.

BRASIL. **Lei n. 12.976, de 4 de abril de 2013**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm>. Acesso em: 14 jun. 2021.

COLL, Charles; MONERO, César. (Org.). **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as Tecnologias da Informação e da Comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FREIRE, 2001^a. *Extensão ou Comunicação?* 11^a Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

FREIRE, 2001b. *Pedagogia da Esperança*. 8^a Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas,

MANZO, A. J. **Manual para a preparação de monografias: uma guia para relatórios e teses**. Buenos Aires: Humanistas, 1971.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2007.

NIZ, Claudia Amorim Francez. **A formação continuada do professor e o uso das tecnologias em sala de aula: tensões, reflexões e novas perspectivas**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2017. Disponível em: <https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/4141.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.

OLIVEIRA, Cláudio José de. **Tic's na educação: A utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno**. Pedagogia em Ação, 7(1), 75–95, 2015.

PINHO, Maria José de; ARAÚJO, Deusirene Magalhães de. Tecnologias Digitais na Educação Tocantinense: uma análise da contribuição para o professor. **Revista Observatório**, v. 5, n. 6, p. 507-528, 2019.

PINTO, Álvaro Vieira. **O Conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro, Ed. Contraponto, 2005. Volume 1, 530 p.

PRETTO, Nelson de Luca. O desafio de educar na era digital: educações. **Revista Portuguesa de Educação**. V. 24, n. 1, p. 95-118, 2011.

ROCHA, José Damião Trindade; NOGUEIRA, Clerislene da Rocha Morais. Formação Docente: uso das tecnologias como ferramentas de interatividade no processo de ensino. **Revista Observatório**, v. 5, n. 6, p. 578-596, 2019.

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DUARTE, Cláudia dos Santos. Pandemia da Covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na prática pedagógica. **Interfaces Científicas**, Aracaju, V.10, n.1, p. 41-57, 2020.

SOARES. Kátia Martins. **A Inserção Das Tecnologias Da Informação E Comunicação Nos Anos Finais Do Ensino Fundamental: A Contribuição Nos Processos De Ensino E Aprendizagem Nas Escolas Da Rede Municipal De Canoas-RS**. IF. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ifrs.edu.br/handle/123456789/113>Acesso em 11 de abril de 2022.

TARDIF, Maurice. O trabalho docente, a pedagogia e o ensino. Interações humanas, tecnologias e dilemas. In: TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Capítulo 3.

TRUJILLO, F.A. **Metodologia da ciência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

CAPITULO III**Training teachers to work on racism, prejudice and racial discrimination in early childhood education****AUTORES****José Carlos Guimarães Junior**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8233-2628>

Governo do Distrito Federal, Brasil

E-mail: profjc65@hotmail.com

Adão Rodrigues de Sousa

Orcid:<https://orcid.org/0000-0002-7348-5876>

Unopar, Brasil

E-mail: adao.sousa@unemat.br

Marttem Costa de Santana

Orcid:<http://orcid.org/0000-0002-8701-9403>

Colégio Técnico de Florianópolis (CTF/UFPI), Brasil

E-mail: martttemsantana@ufpi.edu.br

Francisco Carneiro Braga

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4275-8122>

Doutorando em Educação pela Universidade Estácio de Sá- Brasil

E-mail: franciscocarneirob@hotmail.com

Fernando Bueno Vieira

<https://orcid.org/0000-0002-5047-3071>

Mestre em Estudos Latino-americanos pela Universidade Federal da Integração Latino-americana

Professor da rede estadual de ensino do Paraná.

fernando.buenofoz@hotmail.com

Brasil

Livia Barbosa Pacheco Souza

Orcid:<https://orcid.org/0000-0002-3148-5536>

Associação Educacional Salva Dor, Projeto Salva Dor (ONG).

E-mail: adm.liviapacheco@gmail.com

Hellygenes de Oliveira

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4143-0117>

Universidade Estácio de Sá, Brasil Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil

E-mail: hellygenes@hotmail.com

Tarciana Cecília de Souza Ferreira

Orcid:<https://orcid.org/0000-0001-9759-6952>

Doutoranda em Educação - Estácio de Sá - UNESA.

E-mail:tarciana.ferreira@prof.educ.rec.br

Savio Lima Costa e Silva

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1495-3035>

Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil Universidade Gama
Filho, Brasil

E-mail:engenheirosaviolima@gmail.com

ABSTRACT

Early childhood education is absent from the legal regulations, so that there is an advance in an education free of racism, prejudice and discrimination. It is known that racism is a problem that permeates the Brazilian society, being present mainly in the school environment. With the enslavement of Africans, several myths about the supposed inferiority of blacks in relation to whites emerged as a way to show that they were and still are below whites. "Being white was considered a normal human condition, but being black required scientific justification" (Munanga, 1984). As a result, various prejudiced expressions were disseminated in the interaction between blacks and whites, leading to racial discrimination and racism. Even in early childhood education, it is important to be aware of racist practices, even if they often seem unconscious. Thus, the purpose of this article is to examine instances of prejudice and racial discrimination among young children in the context of early childhood education and the coping strategies used by teachers. Following a methodology based on qualitative research, using bibliographies, it brings the reader first-hand accounts from teachers about prejudiced and/or discriminatory situations involving young students in everyday school life.

Key-words: Racism; Prejudice; Racial discrimination; Teachers;

RESUMO

A educação infantil está ausente da regulamentação legal, para que haja um avanço em uma educação livre de racismo, preconceito e discriminação, sabe-se que o racismo é um problema que permeia a sociedade brasileira, fazendo-se presente principalmente no ambiente escolar. Com a escravização dos africanos, vários mitos sobre a suposta inferioridade do negro em relação ao branco surgiram como forma de mostrar que eles estavam e ainda estão abaixo dos brancos. "Ser branco era considerado uma condição humana normal, mas ser negro exigia justificativa científica" (Munanga, 1984). Como resultado, várias expressões preconceituosas foram disseminadas na interação entre negros e brancos, levando à discriminação racial e ao racismo. Mesmo na educação infantil, é importante estar atento às práticas racistas, ainda que muitas vezes pareçam inconscientes. Assim, o objetivo deste artigo é examinar as instâncias de preconceito e discriminação racial entre crianças pequenas no contexto da educação infantil e as estratégias de resposta utilizadas pelos professores. Seguindo uma metodologia

baseada em pesquisa qualitativa, utilizando-se de bibliografias, traz ao leitor relatos de professores em primeira mão sobre situações preconceituosas e /ou discriminatórias envolvendo jovens alunos no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Racismo; Preconceito; Discriminação racial; Professores;

INTRODUÇÃO

Sempre buscamos a aceitação da diversidade e o empoderamento das minorias. Mas apesar desse cenário de mudança, o preconceito ainda existe em todos os lugares, e a sala de aula não é exceção.

É fundamental ter em mente que em uma sociedade preconceituosa, praticamente todos acabam refletindo as injustiças da discriminação que permeia o cotidiano. É muito comum nas salas de aula, mesmo quando não é correto, comentários insultuosos sobre cor de cabelo, tom de pele ou outras características físicas, bem como outros comentários cheios de discriminação racial ou física.

Nesse contexto, o objetivo do presente trabalho é discutir situações de preconceito e discriminação que ocorrem rotineiramente na educação infantil, investigando como para minimizar a discriminação racial, é importante verificar como os professores de educação infantil são formados em relações raciais, bem como se sua formação inicial os ajuda a lidar adequadamente com essas questões. Isso inclui examinar como eles percebem a discriminação racial em sala de aula e como os alunos negros e brancos interagem uns com os outros.

Este estudo é importante porque mostra se os docentes da educação infantil trabalham ou não com as relações raciais e se possuem a formação necessária para tanto. Ou, se os educadores permanecerem calados enquanto essa questão se desenvolve, as vítimas de racismo que lecionam em salas de aula negras acabarão se sentindo marginalizadas e acabarão respondendo a essa violência com mais violência, sendo duplamente excluídas por educadores brancos – tanto pela cor quanto pela violência.

É fundamental que o professor esteja preparado para apoiá-lo na luta contra o preconceito racial existente em sala de aula. Ao fazer isso, os educadores negros e brancos trabalharão para mudar o estereótipo negativo da pessoa negra que permeou nossa sociedade, na qual eles são desvalorizados, denegrados e considerados sem importância. Em vez

disso , promoverão o respeito pelas diferenças individuais ,independentemente de raça, cor ou religião.

Entende-se que a escola é um ambiente de convívio com educadores das mais diversas culturas, raças e religiões, e que ali deve ocorrer o respeito mútuo e a valorização das diferenças, tanto raciais quanto culturais. Tudo isso é necessário para que ocorra um aprendizado efetivo e a formação de um cidadão crítico, consciente de seus direitos e deveres.

O preconceito racial é um problema na educação que precisa ser enfrentado com mais frequência, pois leva à violência, à opressão e à exclusão daqueles que o vivenciam. Esse problema deve ser abordado tanto nos programas de pós-graduação que formam educadores quanto nos cursos de formação continuada oportunidades de desenvolvimento profissional.

Assim, a formação de um professor de qualidade e voltado para o tema contribuirá para que os estereótipos raciais deixem de existir nas escolas. Teremos uma educação de qualidade para todos, sem excluir ninguém, se o professor tiver os conhecimentos necessários para intervir adequadamente quando os alunos se distanciam deles com atitudes preconceituosas e tiver consciência da importância de trabalhar com quem está ensinando esses assuntos.

1. METODOLOGIA

Essa pesquisa foi elaborada através de levantamento bibliográfico realizado em livros, revistas e artigos especializados sobre o tema, e vendo que se trata do tema Formação de professores e preconceitos.

Uma das vigas mestras deste estudo é a pesquisa de cunho bibliográfico, e na interpretação de Gil (2019) e Zanella (2013), este tipo de caminho metodológico se mostra pertinente quando o pesquisador realiza consultas a materiais que anteriormente já versaram sobre as

temáticas que integram a estrutura de uma construção textual ou investigação científica.

A abordagem do estudo é qualitativa, posto que a sua intenção é conhecer em que realidade social ocorrem os fenômenos observados no decurso de pesquisa (Minayo, 2013). Além disso, o estudo pode ser considerado como uma pesquisa exploratória. Neste sentido, Fontelles, Simões, Farias e Fontelles (2009) classificam as pesquisas exploratórias como aquelas em que o investigador executa para tornar-se mais familiarizado com a temática, buscando por meio da prática de pesquisa as relações existentes entre os conteúdos abordados. É também um estudo explicativo, o qual nos dizeres de Gil (2019) são aqueles em que o pesquisador busca por meio de seu trabalho entender o porquê determinado fenômeno acontece e as razões que corroboram para a sua existência.

A operacionalização do estudo também abarcou a realização de um estudo multicasos. Na interpretação de Triviños (2010), esta abordagem representa uma visão mais ampla do que aquela propiciada pelos estudos de caso (Yin, 2015). Para Soares, Inácio, Silva e Nascimento-e-Silva (2021; 2022), a realização de estudos multicasos permite que uma investigação tenha como elementos de comprovação de hipóteses mais de uma perspectiva, o que propicia ao investigador uma visão mais holística a respeito das temáticas por ele pesquisadas. Os estudos foram selecionados na base de dados BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações no início do mês de maio de 2022, onde foi possível acessar o banco de dados de Teses, dissertações, monografias, artigos e materiais referente e disponíveis nesse banco de dados. Ainda assim, fez-se necessário a busca de artigos publicados no últimos 5(cinco) anos, de forma que experiências mais contemporâneas pudessem ser estudadas e analisadas para a providência da escrita desse artigo.

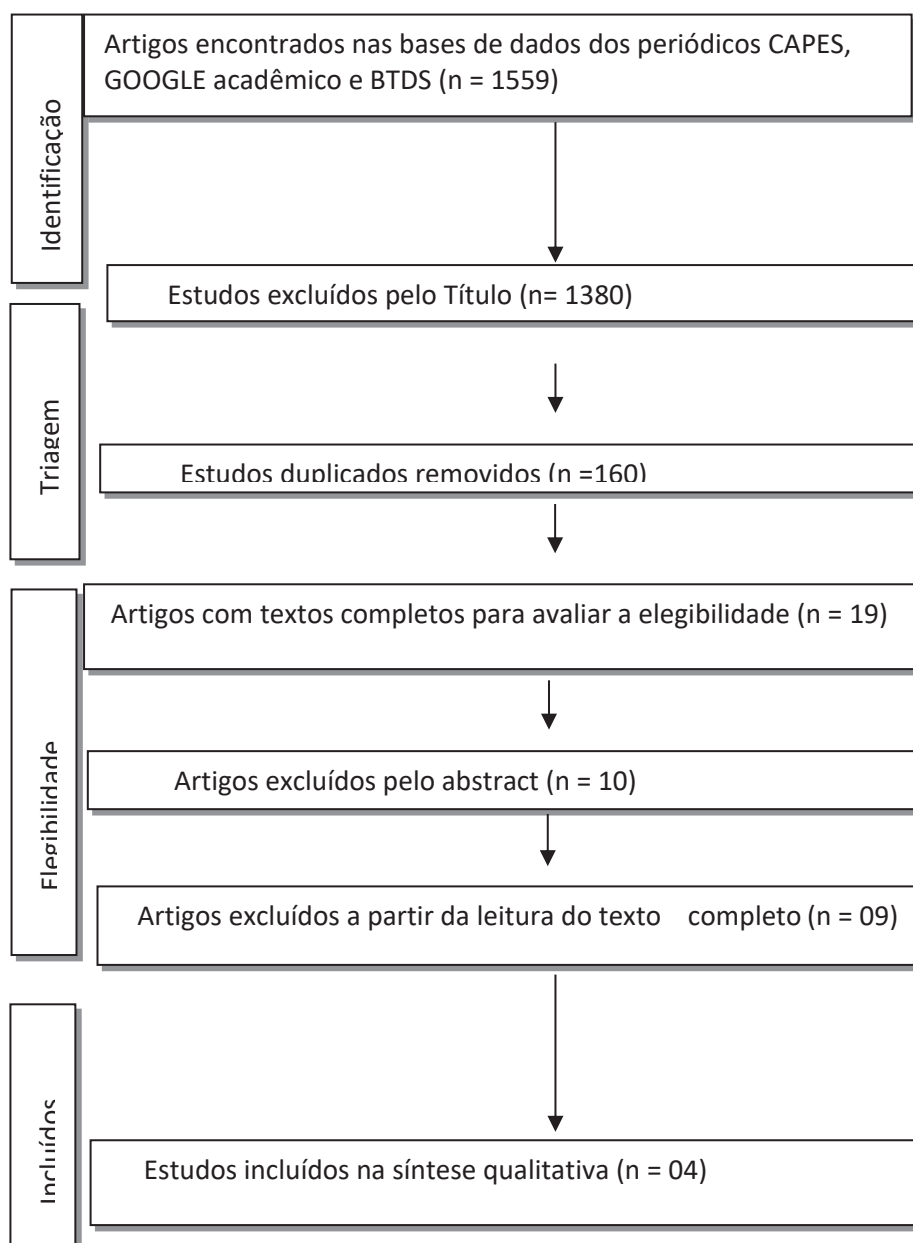
Além dessas base de dados, realizou-se também um levantamento da literatura em maio de 2020, nas bases de dados Periódicos CAPES, Google Acadêmico, Scielo e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Os descritores utilizados foram os seguintes: “TDAH; Sala

de Recursos Multifuncionais” AND “alunos” AND “deficiências” AND “Multifunctional Resource Room” AND “Students” AND “Deficiencies” em todas as bases de dados.

Desse modo, foram selecionados 04 artigos sendo incluídos segundo os critérios de elegibilidade conforme a Figura 1. Os critérios de inclusão foram: artigos, teses e dissertações nos idiomas inglês e português, nos últimos cinco anos, envolvendo dificuldades, alunos com deficiência e sala de recursos multifuncionais.

Os critérios de exclusão foram artigos de revisão de literatura

Figura 1 Fluxograma e critérios de seleção e inclusão dos trabalhos



1. racismo, Preconceito e discriminação racial no espaço escolar

Entendemos que o racismo, o preconceito e a discriminação racial propagados por meio de práticas e atitudes impróprias causam danos irreparáveis aos indivíduos e que aqueles que se envolvem em tais comportamentos também sofrem os efeitos de suas ações. Mesmo sendo considerados sentimentos e comportamentos deploráveis, eles têm sido muito mais corriqueiros na sociedade brasileira do que poderíamos imaginar, mesmo no cotidiano escolar que espera passar despercebido. Isso porque o ambiente educacional é composto por uma grande variedade de disciplinas, cada uma com sua própria história, cultura e visão de mundo. O que não justifica preconceito racial, discriminação ou racismo.

O conceito de racismo é uma forma de preconceito e discriminação, baseada num termo controverso, que é visto como um conjunto de ideias pré-concebidas cuja principal função é enfatizar as diferenças biológicas entre brancos e negros, principalmente por acreditar na existência de grupos étnicos e raciais superiores e inferiores. Assim destaca-se:

O termo "racismo" refere -se a uma atitude hostil e implacável contra indivíduos ou grupos de pessoas cujas características físicas ou biológicas são consideradas "racialmente inferiores" e estão diretamente relacionadas às suas qualidades intelectuais ou morais. Surgiu no âmbito da sociedade ocidental do século XVIII, quando isso foi apoiado por pretensões científicas que tentaram explicar as diferenças humanas e justificar o domínio expansionista colonial europeu sobre os povos de outros continentes. A noção era que o poder sobre os outros não era o produto do acidente, mas sim o resultado de um processo que a ciência poderia

explicar. (Borges, Medeiros, D'adesky, 2002, pp. 39/40).

O termo "racismo" refere -se a uma atitude hostil e implacável contra indivíduos ou grupos de pessoas cujas características físicas ou biológicas são consideradas "racialmente inferiores" e estão diretamente relacionadas às suas qualidades intelectuais ou morais. Surgiu no contexto da sociedade imperial do século XIX, quando foi apoiado por teorias científicas para explicar as diferenças humanas e justificar o domínio europeu sobre os povos de outros continentes durante a expansão colonial. A noção era que o poder sobre os outros não era o produto do acidente, mas sim o resultado de um processo que a ciência poderia explicar (Borges, Medeiros, D'adesky, 2002, p. 39/40).

Por muito tempo, o racismo foi propagado por canais científicos e religiosos como doutrina, que buscava submeter o negro a atos extremos de desumanização, segregação, tortura física e psicológica, entre outras coisas. Não importa quanto tempo tenha levado para o racismo ser construído histórica, social e culturalmente, segundo Santos (2005, p. 13), é simples para qualquer faculdade bem informada desmascará-lo.

O racismo é um comportamento ou ação que resulta da hostilidade em relação a pessoas que têm uma afiliação racial que pode ser vista por características externas como cor da pele, tipo de cabelo, formato dos olhos, etc. Ele é o resultado da crença de que existem raças humanas superiores e inferiores, que se tenta aceitar como a única e verdadeira crença. Exemplo disso são as teorias raciais que serviam para justificar a escravidão no século XIX, a exclusão dos negros e discriminação racial. (Munanga, 2006, p. 58).

Pesquisadores como Edson Borges, Carlos Alberto Medeiros e Jacques d'Adesky (2002), todos citados por Munanga (2006), afirmam que o racismo se manifesta de duas formas interligadas : no nível individual e no nível institucional. O racismo individualizado se manifesta como atos discriminatórios cometidos por uma pessoa contra outra, seja por meio de atos de violência e agressão, destruição de bens ou bens, ou mesmo assassinatos.

A institucionalização do racismo se manifesta por meio de atos sistemáticos de discriminação incentivados pelo governo ou com seu apoio velado, como a exclusão de pessoas de cor da sociedade e o isolamento dessas pessoas em bairros periféricos sem acesso à educação ou oportunidades de emprego. E até mesmo em livros educativos que retratam negros estereotipados e disformes ou apagam a história da população negra no Brasil.

Pode-se ainda observar o racismo institucionalizado na propaganda, propagandas, novelas e outras formas de mídia que retratam o negro como vivenciando uma história de opressão e discriminação. Tentam integrá-lo socialmente, ainda que em condições de risco e precariedade. Sempre em posições inferiores aos brancos.

Segundo Almeida (2019), um preconceito racial é um julgamento sobre indivíduos que são membros de um grupo racial específico que pode ou não levar a atos discriminatórios. Uma opinião formada sobre uma pessoa ou grupo de assuntos sem conhecimento prévio. Um julgamento arriscado e raso baseado em achismo e estereótipos. Um método que muitas pessoas usam para tentar minimizar a humanidade de outra pessoa é contrastá-la com base em suas características físicas, estéticas e culturais.

Já a discriminação racista é definida por Almeida (2019) como “a atribuição de tratamento diferenciado a membros de um grupo racialmente identificado”. Em outras palavras, uma pessoa que é discriminada é tratada de forma diferente das outras pessoas ao seu redor, o que tem o potencial de se transformar em violência e ter efeitos negativos para os lados. Para Silva (2001) a discriminação racial:

[...] é a manifestação efetiva de crenças racistas em comportamentos que restringem ou retardam o pleno desenvolvimento dos indivíduos pertencentes ao grupo - alvo e mantêm os privilégios dos membros do grupo discriminador em detrimento desses participantes (Silva, 2001, p. 75).

Podemos perceber como o preconceito e a discriminação racial estão sempre ligados ao jeito de ser, pensar e fazer de cada um em relação a uma crença coletiva. Ela se manifesta nas relações institucionais e interpessoais de forma estrutural e sistêmica. Para combatê-los, é preciso empreender ações que reconheçam, valorizem e respeitem a diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira e a raça humana. uma tarefa que envolve todos, começando pelos mais jovens da sociedade. É importante ressaltar que:

O racismo, a desigualdade e outras formas de discriminação que ainda prevalecem na sociedade hoje superam qualquer tipo de discriminação que tenha suas raízes na educação. Para cumprir efetivamente seu papel de educadores, as instituições educativas devem se organizar como espaços democráticos de criação e difusão de conhecimentos e ideias voltadas para uma sociedade justa (Brasil, 2004, p. 14).

Apesar das evidências de discriminação racial que a pesquisa científica tem fornecido (Jaccoud; Beghin, 2002; Pinheiro et al., 2008; Telles, 2003), os brasileiros ainda têm uma forte crença de que o racismo não existe. Muitas vezes, professores atuais e aspirantes podem ser vistos compartilhando essa ideia.

2. As relações de racismo, preconceito e discriminação racial em educação infantil e o papel do professor como mediador para uma formação consciente das desigualdades

Como resultado desse entendimento, as escolas têm a obrigação de promover uma educação antirracista que reconheça, respeite e valorize a diversidade cultural e racial. Precisa ser um lugar de desconstrução e não de reprodução do racismo (Araújo, Giugliani, 2014).

Esta é a educação que se espera que seja implementada nas instituições de ensino. Por ser um lugar onde a diversidade se manifesta

e frequentemente interage em conflitos, é importante estar atento às instâncias de preconceito e discriminação racial dentro e fora dele. Como observa Cavalleiro:

Assim como outras instituições da sociedade , o sistema educacional brasileiro está repleto de comportamentos racistas, discriminatórios e preconceituosos que frequentemente resultam em um ambiente escolar cotidiano prejudicial ao desenvolvimento emocional e cognitivo de todas as crianças e adolescentes , com destaque especial para aqueles pertencente à população negra (Cavalleiro, 2005, p. 68):

As instituições educacionais não estão isentas de racismo, discriminação e preconceito racial , pois são locais onde são transmitidos e/ou ensinados conhecimentos, como a cultura, por exemplo, e o civismo, entre outros.

Podemos dizer que se a escola, como outras instituições sociais, está repleta de situações preconceituosas e discriminatórias, principalmente contra os diferentes, Segundo Cavalleiro no artigo citado, espera-se que ela proporcione a todos os envolvidos no processo educativo uma atividade didática educacional que permita uma interação em que todos aprendam uns com os outros. O papel da escola é mediar e resolver os conflitos que surgem em seu ambiente. Conflitos muitas vezes silenciados.

Uma perspectiva insuficiente sobre as atividades cotidianas da vida escolar dificulta a compreensão de relações harmoniosas entre adultos e crianças; negros, brancos e pardos. No entanto, esse elemento positivo torna-se contraditório na medida em que não existem livros, gravuras ou cartões infantis que expressem a existência de crianças não brancas na sociedade brasileira. Dessa forma, o ambiente educacional replica o paradigma vigente da beleza britânica/europeia nas interações sociais e nos canais de comunicação. A ocorrência desses eventos nas escolas também parece afirmar às crianças a

superioridade do modelo humano negro (Cavalleiro, 2001, p. 145).

Por se tratar de uma das ferramentas de aprendizagem do aluno, o preconceito sobre a pele negra é predominante nos livros didáticos no ambiente educacional, o que é inaceitável e contribui para o racismo. Segundo Silva (2005), “na maior parte do tempo em um livro didático, a humanidade e a vida na cidade são retratadas por um branco de classe média”.

Não há muitos exemplos de negros, e os que existem tendem a mostrá-los reunindo sua inteligência para sobreviver, ou fazendo isso em uma posição de inferioridade. Como resultado, as crianças que veem essas imagens têm uma percepção generalizada de que todas as pessoas de cor negra são inferiores às pessoas de cor branca, uma vez que essas imagens não retratam pessoas negras em uma posição de distinção social.

Corroborando com isso a autora Eliane Cavalleiro afirma que a discriminação:

[...] Quando em certas condições sociais de suposta igualdade entre brancos e negros, fica evidente que um grupo é favorecido nas esferas social, educacional e profissional. Fato que expressa um processo institucional de exclusão social do grupo, desconsiderando suas habilidades e conhecimentos (2005, p. 26).

Inúmeras escolas deixaram de valorizar a população negra e sua cultura. É comum entrar em uma escola e descobrir que não há nada que celebre ou homenageie a cultura negra ou a contribuição dos africanos para a história brasileira. Também é comum ver apenas a história da Europa no Brasil – dos colonizadores e vencedores – em muitos livros didáticos.

Ao longo da história, o Brasil desenvolveu um paradigma excludente que impediu milhões de brasileiros de acessar ou permanecer

nas escolas. Os negros foram proibidos de frequentar as escolas por muito tempo.

A diversidade étnica, racial e cultural brasileira foi e ainda não é ensinada nas escolas. As instituições de ensino no Brasil continuam a ter uma realidade marcada por atitudes e declarações explícita ou implicitamente prejudiciais, racistas e discriminatórias em relação à população negra, historicamente impedida de ingressar ou permanecer nas escolas.

Uma das principais atividades e mecanismos de transformação de uma população é a educação, que é o papel da escola em uma sociedade democrática, comprometida com a promoção da dignidade humana e o incentivo ao desenvolvimento de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as singularidades e características de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo. (Ribeiro, 2004, p. 7).

O Ministério da Educação (MEC) instituiu as Direções Curriculares Nacionais para o Ensino das Relações Étnicas e o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana com o objetivo de corrigir injustiças, erradicar a discriminação e o racismo, promover a inclusão social e a comunidade para todos, com intuito de mobilizar toda a sociedade para democratizar a educação, ajudar os professores a reconhecer e compreender o racismo e buscar maneiras de apoiá-los em seus esforços para abolir as políticas e práticas escolares racistas.

De acordo com os Quadros Curriculares Nacionais (PCN), a escola é um espaço privilegiado de promoção da igualdade e da abolição de todas as formas de preconceito e racismo, uma vez que serve de ponto de encontro de pessoas de todas as origens raciais, religiosas e culturais.

Com a criação da Lei n. 10.639/03, pretendia contribuir para a erradicação do preconceito racial “[...] requisito para o ensino da história e cultura africana e brasileira em todos os currículos de escolas públicas e privadas (Brasil, 2008, p. 16).

Como resultado de leis como essas, levará pouco tempo para dissolver a distância entre negros e brancos, erradicar atitudes preconceituosas e construir uma sociedade mais igualitária, onde todos, independentemente de raça ou cor, sejam tratados igualmente e tenham os mesmos direitos. Portanto, a Lei 10.639/03:

“[...] sinaliza para um modelo educacional que priorize a diversidade cultural presente na sociedade brasileira e, conseqüentemente, na sala de aula, de forma que ideias sobre reconhecimento, respeito à diversidade cultural, democracia e cidadania predominem em todas as relações que envolvem a educação e a comunidade escolar, desde o processo de desenvolvimento de políticas educacionais até o desenvolvimento de currículos escolares e a formação de professores para atividades, métodos e técnicas pedagógicas..” (Brasil, 2008, p. 16).

Para que a lei 10.639/03 alcance efetivamente um de seus objetivos, qual seja, auxiliar na eliminação do preconceito racial por meio da promoção da história e da cultura negra, é imprescindível que ela renuncie ao cargo e que isso seja feito em todas as escolas, que os instrutores se comprometam a realizar o trabalho como deve ser feito, levando os alunos a intensa reflexão, buscando reconhecer e valorizar a contribuição da comunidade negra para a cultura brasileira.

Outra barreira são as disputas religiosas, pois a moral e as crenças permeiam o cenário educacional e acabam influenciando atitudes preconcebidas de alunos ou professores em sala de aula. Ao discutir práticas religiosas afro-americanas como o macumbeiro, o termo "feiticeiro" é frequentemente utilizado no discurso comum, o que reforça o preconceito e a discriminação contra os adeptos dessas práticas. Essas atitudes também são percebidas na educação infantil, pois as crianças que acompanham os pais aos candomblés enfrentam o preconceito de outras crianças ou mesmo de adultos de outras religiões.

Um incidente que chamou a atenção de um dos autores do estudo ocorreu durante a celebração do Dia Nacional da Folhagem em uma

escola da comunidade. Uma auxiliar de professora vestida de baiana para entregar os acarajés que foram distribuídos pela escola. Uma aluna de cinco anos que sempre demonstrou apoio à assessora mudou de atitude ao vê-la vestida de baiana e disse a uma colega que não gostava de "macumbeira "

Essa postura provavelmente foi captada de um membro da família e replicada pela criança em um ambiente educacional. Também tive o incidente de duas crianças se recusarem a comer o acarajé porque, na opinião delas, a mãe não deixava.

Os PCN defendem uma educação centrada na comunidade que construa uma sociedade equitativa e inclusiva, livre de origem, raça, sexo, gênero, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Por isso, foram adotados os seguintes princípios com base na Constituição: a dignidade da pessoa humana, que repudia qualquer forma de discriminação; igualdade de direitos; participação e responsabilidade compartilhada na vida social. Segundo o PCN, para viver democraticamente é preciso respeitar as diversas etnias e grupos culturais que compõem uma sociedade pluralista como a brasileira.

Tanto na luta contra o racismo no Brasil quanto na possibilidade de formação de uma consciência sobre as disparidades raciais em nosso país, a formação acadêmica assume papel fundamental.

De acordo com Charles Taylor e cols. (1994), uma das principais estratégias de opressão de um determinado grupo é a ausência ou o reconhecimento injustificado de sua história.

Segundo o autor, o processo de construção da identidade é dialético; em outras palavras, a identidade de uma pessoa é desenvolvida por meio da interação com outros grupos sociais.

Nesse sentido, o indivíduo ou grupo pode realmente sofrer prejuízos se as representações a eles ligadas forem depreciativas. A falta de participação ou o reconhecimento injustificado pode se tornar a principal tática de exclusão de determinados grupos. No caso do Brasil, essa ausência pode ser percebida no desconhecimento da história da

resistência dos povos negros e indígenas à opressão trazida pelo processo de colonização.

Nesse cenário, a formação acadêmica ganha destaque. Um professor que teve a chance de refletir sobre as questões que os negros e indígenas enfrentaram historicamente pode desempenhar um papel crucial na destruição dos estereótipos negativos que são tipicamente associados a essas pessoas.

Embora existam desafios, os professores não podem se recusar a defender uma educação antirracista que leve em consideração, respeite e valorize as culturas africana, afro-brasileira e indígena enquanto trabalha para dissipar noções preconcebidas e atitudes discriminatórias sobre diferenças e diversidade. Comece olhando e refletindo sobre suas próprias crenças, valores e concepções.

Os programas de formação de professores de educação infantil devem possibilitar que eles criem experiências de aprendizagem em que as crianças possam aplicar adequadamente seus conhecimentos sobre as conquistas culturais e científicas de vários grupos étnicos e raciais, particularmente negros indígenas. E fazem isso por meio de experiências com filmes, danças, arte, música, teatro e outras linguagens que trazem à tona o conhecimento científico e as lutas e resistências desse povo. Sobre o trabalho de formação desenvolvido com os professores, Dias afirma:

São esses investimentos que criam novas ambiências nos espaços de educação infantil, criando ambientes mais saudáveis. As formas como os professores interferiram na transformação das percepções sobre a diversidade racial e étnica foram inúmeras e variadas .[sic]. Para promover a igualdade racial , esses objetivos foram alcançados tanto pelos participantes quanto pelos professores que optaram por não participar do curso . No entanto, eles foram inspirados a reconsiderar suas práticas. As crianças também participaram dessas transformações , percebendo que têm direitos como resultado da

aplicação de novos conhecimentos técnicos e experienciais que podem ser potencialmente úteis na promoção de mudanças institucionais (DIAS, 2012, p. 191).

Mais especificamente sobre o impacto do programa de formação de professores nas crianças, o autor afirma:

Ao utilizar os ambientes de ensino-aprendizagem montados pelos professores, as atitudes de resistência das crianças negras e o desenvolvimento de uma nova percepção da população negra resultaram em processos ricos em que tanto os professores quanto as crianças negras vivenciaram profundamente o processo de empoderamento (Dias, 2012, p. 191).

Com base no ensaio, reiteramos o quanto é fundamental que a formação educacional, seja ela inicial ou continuada, contribua para compreender a singularidade do racismo brasileiro e desafiar o mito da democracia racial na cultura popular.

A importância da educação infantil no desenvolvimento da criança e na luta contra o preconceito e discriminação racial

O desenvolvimento da criança é muito beneficiado pela educação infantil, pois por meio dela a criança aprende a explorar o mundo e suas possibilidades, estabelecer vínculos sociais, desenvolver seu senso de autonomia e aprender a lidar com suas emoções. Como tudo nessa fase é uma experiência, um dos objetivos da educação infantil é proporcionar um espaço para a criança expressar seus sentimentos e valores.

As crianças são incentivadas a desenvolver e exercitar suas habilidades cognitivas, emocionais, sociais, físicas e motoras na escola por meio de atividades de lazer, jogos e outras atividades.

A esse respeito, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil afirma que " na instituição da educação infantil, podem ser

oferecidas às crianças condições para a aprendizagem que ocorre na brincadeira e aquela que resulta de situações pedagógicas intencionais ou de aprendizagem dirigido por adultos" (Brasil, 1998, p. 23) Dessa forma, são proporcionadas descobertas, investigações e experimentos, possibilitando que as crianças se desenvolvam plenamente.

É importante lembrar que a educação infantil é a primeira fase da educação básica, e está dividida da seguinte forma: creche - crianças de 0 a 3 anos e 11 meses; pré-escolar - crianças dos 4 aos 5 anos e 11 meses. De acordo com o artigo 29 da Lei Nacional de Educação (LDB), a educação tem como objetivo primordial "o desenvolvimento integral da criança em todos os seus domínios físico, psicológico, intelectual e social , complementando o envolvimento familiar e comunitário"(Brasil, 1996)

É a primeira interação da criança com o ambiente escolar , o ponto em que ela começa a interagir com outras pessoas fora do ambiente familiar no qual ela foi usada anteriormente. Com base nisso, compreendemos que a educação infantil é um período crucial para as crianças, pois deve ser um local que acolha todas as pessoas sem distinção de qualquer natureza.

Diante da faixa etária que atende essa etapa de ensino, acredita - se que práticas racistas e preconceituosas não ocorram. No entanto, um exame mais atento revela que esses comportamentos são generalizados e, na maioria das vezes, passam despercebidos na vida escolar e que impactam diretamente na aprendizagem dos pequenos (Araújo, 2011)

Devemos compreender que "o desenvolvimento da identidade de um indivíduo começa na infância e será influenciado por todas as referências que ele for traçando ao longo de sua história, sejam elas positivas ou negativas"(Mariosa; Reis, 2011) Assim, é importante acessar referências que apoiem e elevem a própria cultura e afiliação étnica e que sejam percebidas positivamente. Os educadores que ali atuam, principalmente os professores, precisam entender que:

Toda linguagem não verbal utilizada em ambientes educacionais transmite valores que são claramente prejudiciais e discriminatórios por meio de padrões de

tratamento, atitudes, gestos, tons de voz e outras pistas sociais , comprometendo o conhecimento da comunidade negra (Cavalleiro, 2010, p. 84).

Na educação infantil , os casos de preconceito e discriminação racial geralmente assumem a forma de expressões ofensivas que se concentram principalmente nas partes do corpo da criança. As características físicas de uma criança, como o cabelo, o nariz e os lábios, são evidentes. Características que tornam o negro alvo de nomes pejorativos, xingamentos e humilhações (Araújo, 2011).

As questões relacionadas às relações raciais devem ser abordadas desde a educação infantil, pois é nessa fase que se inicia o desenvolvimento da criança. Assim, tanto as crianças negras quanto as brancas começam a adquirir os conhecimentos necessários para lidar com essas situações preconceituosas, tanto na escola quanto na sociedade.

Por meio da formação docente, será mais fácil para os professores enfrentar as atitudes racistas quando elas surgirem em sala de aula, sejam elas explícitas ou implícitas, a fim de fazer a intervenção adequada e afastar todo e qualquer preconceito racial que possa surgir (Santos, 2007).

Conclusões

O presente estudo sobre como os educadores infantis são formados em relação às relações raciais foi de extrema importância para o nosso desenvolvimento profissional e pessoal, pois foram adquiridos diversos conhecimentos sobre o tema.

Na maioria das vezes, o racismo se manifesta nas diversas esferas da vida da sociedade por meio de crenças preconceituosas e/ou atitudes discriminatórias. Isso inclui escolas. Um problema não resolvido e sem uma solução clara. Há muito a ser considerado ao desenvolver iniciativas

para engajar e promover a diversidade racial e cultural dentro e fora da sala de aula.

O preconceito e a discriminação racial são criados pela sociedade em que vivemos e, para erradicá-los, devemos estimular ações colaborativas. Isso pode ser feito dentro da escola, desenvolvendo toda a comunidade escolar e ensinando os alunos a se colocarem no lugar dos outros e perceber que, apesar das diferenças, somos todos seres humanos que merecem respeito. Reconhecemos que a educação oferece a possibilidade de uma ação educativa e socialmente transformadora, ao invés de ser causadora de injustiças sociais. Portanto, é responsabilidade de todo sujeito lutar por justiça social e igualdade de direitos.

Situações que envolvem noções preconcebidas obscurecem a identidade e as origens, e mudar isso não é uma tarefa fácil, pois as pessoas imersas no cotidiano moldado por essas ideologias precisam entender que a sociedade é formada por diversos seres humanos e que essas diferenças devem ser respeitadas para que a vida funcione.

Cabe ao professor atuar como mediador, fazendo com que essas diferenças diminuam e, idealmente, desapareçam. Devemos apoiar as ações positivas de nossos alunos, trabalhar sua autoestima e promover uma cultura de paz e justiça social. Com a disseminação de atitudes de orgulho por pertencer a outras etnias, os alunos têm mais facilidade de se identificar como negros ou indígenas quando sua autoestima é restaurada.

Para que a educação antirracista seja eficaz no cotidiano escolar, é necessária uma mudança nas atitudes e crenças racistas. Por isso, a escola deve levar em conta a diversidade étnica e cultural que compõe a nação brasileira e a raça humana em seus currículos e ações educativas.

Os educadores e educadoras, precisam estar atentos à diversidade de culturas presentes no cenário educacional e entender que o engajamento nas discussões sobre questões raciais deve envolver todos, não apenas os professores que estão comprometidos com o tema da etnia e diversidade cultural.

E por último, como já foi dito, as atitudes e comportamentos racistas prejudicam as crianças e têm um impacto negativo irreparável no seu desenvolvimento. Assim, a escola tem um papel fundamental na implementação das leis 10.639 / 03 e 11.645/08 e na educação antirracista.

É responsabilidade da sociedade como um todo se manifestar contra o racismo e a discriminação contra indivíduos e grupos. O comprometimento de todas as pessoas é fundamental no combate às atitudes e comportamentos racistas, machistas, machistas e outras formas de opressão que permeiam a sociedade brasileira.

E assim, deixamos esse material para que novos estudos possam ser aprofundados de forma que possam analisar todas as situações que os professores e os agentes formadores possam enfrentar.

REFERÊNCIAS

Almeida, Silvio L. de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Polen, 2019.

Araújo, Jurandir A. O trato pedagógico dispensado pela escola da Educação Infantil a diversidade étnica e cultural que frequenta o seu espaço. XX EPENN – Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. Anais... Manaus, UFMA, 2011.

_____, J. de. A; Giugliani, B. Por uma educação das relações étnico-raciais. # Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v.3, n.1, 2014.

Borges, Edson; Medeiros, Carlos Alberto; D'adesky, Jacques. Racismo, preconceito e intolerância. São Paulo: Atual, 2002.

_____, Jurandir d.A.. A efetivação da Lei 10.639/03 na percepção dos militantes/ professores negros baianos. Disponível em: Revista Eletrônica de Educação, v. 9, n. 3, p. 216-232, 2015.

Brasil. Orientações curriculares: expectativas de aprendizagem para a educação étnico-racial na educação infantil, ensino fundamental e médio / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, 2008.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.

_____, Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB de 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Volume 1. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998

Cavalleiro, Eliane d.S. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação. São Paulo: Contexto, 2000.

_____, Eliane. Discriminação racial e pluralismo em escolas públicas da cidade de São Paulo. In: Ministério da educação. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 65-104.

_____, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Educação e Poder; racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil. 6. ed. São Paulo: Summus, 2010.

_____, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: Cavalleiro, Eliane (Org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 141-160.

Dias, Lucimar R. Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres. In: BENTO, Maria A. S. (Org.). Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades-CEERT, 2012. p. 178-193.

Jaccoud, Luciana d.b; Beghin, N. Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental. Brasília: IPEA, 2002.

Mariosa, Gilmara S; Reis, Maria d.g.dos. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. Est. Literária, v. 8, p. 42-53, dez./2011.

Munanga, K. Raízes científicas do mito do negro e do racismo ocidental. Temas IMESC. São Paulo: Soc. Dir. Saúde, 1984.

_____. O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2006. (Coleção para entender).

_____. (org.). Superando o Racismo na Escola. 3 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

Minayo, Cecília d.S. O desafio da pesquisa social in minayo, Cecília de Souza (Org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

Taylor, Charles et al. Multiculturalismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

Santos, Joel R.dos. O que é Racismo. São Paulo: Braziliense, 2005. (Coleção primeiros passos).

Silva, A. C. Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático. 2. ed. Salvador: Edufba, 2010.

Silva, M.a. Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: Cavalleiro, Eliane (Org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

Zanella, Liane C. H. Eleonora M.F.V. and Marialice M.. Técnicas de pesquisa. 2013.

"Trivinos, A.N.S.. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, Fenomenologia ou Marxismo." Formação (Online) 1.20 (2013).

YIN, R. K. Estudo de Caso-: Planejamento e métodos. Bookman editora, 2015.

CAPÍTULO IV

The impacts caused by homophobia in the school environment and the challenges for the access and permanence of lgbtqia+ students in school

José Carlos Guimarães Junior

<https://orcid.org/0000-0002-8233-2628>

Doutor em Biodiversidade e Biotecnologia- Rede Bionorte

Universidade do Estado do Amazonas- UEA

Carlos Alberto Feitosa dos Santos

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6238-0748>

Mestrando em Psicologia

Universidade Ibirapuera – UNIB, Brasil

Victor Nathan Fontes Silva

<https://orcid.org/0009-0004-1842-2073>

Doutorando na Universidade Federal de Sergipe – UFS, Brasil

Adão Rodrigues de Sousa

<https://orcid.org/0000-0002-7348-5876>

Pós Graduado em Educação Física Escolar com ênfase infantil/Unopar, Brasil

Jacqueline Andreucci Lindstron

<https://orcid.org/0000-0002-2176-1875>

Doutoranda em Educação (UTP)

Mestre em Linguística Aplicada (UFPR)

Universidade Tecnológica Federal do Paraná/ Curitiba –PR- Brasil

Alexandre Magno Buhaten Barbosa

<https://orcid.org/0000-0002-9826-2185>

Professor efetivo nos anos iniciais da Secretaria Municipal de Educação (SEMED-MA); Graduado em Pedagogia Licenciatura (UEMA);

Mestrando em Educação-gestão de ensino da educação básica (UFMA);

Pesquisador CAPES

Fernando Bueno Vieira

<https://orcid.org/0000-0002-5047-3071>

Mestre em Estudos Latino-americanos pela Universidade Federal da Integração Latino-americana

Professor da rede estadual de ensino do Paraná.

fernando.buenofoz@hotmail.com

Brasil

Jefferson Davi Ferreira dos Santos

Doutorando Profissional em Administração e Contabilidade na FUCAPE Business School

Graduado em Pós Ciências Navais/ Administração pela Escola Naval (2012).

Professor do Instituto Federal do Mato Grosso -Parecis-MT

Fabiana Bora Medeiros

<https://orcid.org/0000-0001-6929-7242>

Graduanda no curso de Licenciatura em Letras Inglês-

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)-Curitiba-PR

Resumo

Discutir a homofobia na sociedade moderna é extremamente importante, dada a violência regular contra pessoas LGBTQIA+ que ocorre em espaços públicos, incluindo escolas. O sistema educacional deve ser um lugar especial onde a normatização e a hierarquia de gênero, identidade e sexualidade possam ser desconstruídas, permitindo que a comunidade LGBTQIA+ tenha acesso e mantenha a aceitação social. No entanto, uma escola ainda perpetua um modelo heteronormativo, evidenciando a necessidade de estratégias políticas e educacionais para transformá-la em um ambiente que respeite e reconheça a diversidade de orientações sexuais. Esse procedimento representa uma desvantagem educacional para os alunos LGBTQIA+, comprometendo seu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Apresenta um panorama histórico da homofobia em outras épocas, começando pelas sociedades antigas. Também discute como as crenças religiosas cristãs afetaram a maneira como as pessoas se comportavam e pensavam sobre a sexualidade, bem como o impacto que essas crenças tiveram nas escolas. Examina o princípio do direito à educação na perspectiva dos direitos humanos e levanta preocupações sobre a eficácia de sua proteção. A metodologia que essa pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, pois acreditamos que esse ponto de vista é excelente para estudos no campo das ciências humanas. Para atingir o objetivo proposto nesse estudo, utilizou-se de pesquisa bibliográfica, especialmente apropriado à pesquisa no campo das ciências humanas e sociais, pois visa identificar a realidade investigada sobre a questão dos impactos causados pela homofobia no ambiente escolar e os desafios para acesso e permanência de estudantes LGBTQIA+ na escola. Realizou-se uma pesquisa de caráter exploratório, com questões norteadoras que envolvem a homofobia no ambiente escolar.

Palavras-chave: Homofobia; Educação; Evasão Escolar.

Abstract:

Discussing homophobia in modern society is extremely important, given the regular violence against LGBTQIA+ people that occurs in public spaces, including schools. The educational system should be a special place where normatization and hierarchy of gender, identity, and sexuality can be deconstructed, allowing the LGBTQIA+ community to access and maintain social acceptance. However, a school still perpetuates a heteronormative model, highlighting the need for political and educational strategies to transform it into an environment that respects and recognizes the diversity of sexual orientations. This procedure represents an educational disadvantage for LGBTQIA+ students, compromising their academic and personal development. It presents a historical overview of homophobia in other eras, starting with ancient societies. It also discusses how Christian religious beliefs affected the way people behaved and thought about sexuality, as well as the impact these beliefs had on schools. It examines the principle of the right to education from a human rights perspective and raises concerns about the effectiveness of its protection. The methodology that this research adopted is a qualitative approach, because we believe that this point of view is excellent for studies in the field of human sciences. To achieve the proposed objective in this study, we used bibliographic research, especially appropriate for research in the field of human and social sciences, because it aims to identify the reality investigated on the issue of the impacts caused by homophobia in the school environment and the challenges for access and permanence of LGBTQIA+ students in school. An exploratory research was carried out, with guiding questions involving homophobia in the school environment.

Keywords: Homophobia; Education; School Dropout.

Resumen

Debatir la homofobia en la sociedad moderna es extremadamente importante, dada la violencia habitual contra las personas LGBTQIA+ que se produce en los espacios públicos, incluidas las escuelas. El sistema educativo debería ser un lugar especial donde la normatización y la jerarquía de género, identidad y sexualidad puedan ser deconstruidas, permitiendo a la comunidad LGBTQIA+ acceder y mantener la aceptación social. Sin embargo, la escuela sigue perpetuando un modelo heteronormativo, lo que pone de manifiesto la necesidad de estrategias políticas y educativas para transformarla en un entorno que respete y reconozca la diversidad de orientaciones sexuales. Este procedimiento representa una desventaja educativa para los estudiantes LGBTQIA+, comprometiendo su desarrollo académico y personal. Presenta un panorama histórico de la homofobia en otras épocas, comenzando por las sociedades antiguas. También analiza cómo las creencias religiosas cristianas afectaron al modo en que la gente se comportaba y pensaba sobre la sexualidad, así como el impacto que estas creencias tuvieron en

las escuelas. Examina el principio del derecho a la educación desde la perspectiva de los derechos humanos y plantea inquietudes sobre la eficacia de su protección. La metodología que adoptó esta investigación fue un enfoque cualitativo, ya que consideramos que este punto de vista es excelente para los estudios en el campo de las ciencias humanas. Para alcanzar el objetivo propuesto en este estudio, se utilizó la investigación bibliográfica, especialmente adecuada para investigaciones en el campo de las ciencias humanas y sociales, pues pretende identificar la realidad investigada sobre la cuestión de los impactos causados por la homofobia en el ambiente escolar y los desafíos para el acceso y permanencia de los alumnos LGBTQIA+ en la escuela. Se realizó una investigación exploratoria, con preguntas orientadoras que involucran la homofobia en el ambiente escolar.

Palabras clave: Homofobia; Educación; Deserción escolar.

INTRODUÇÃO

Todo conhecimento é autoconhecimento, segundo Boaventura de Sousa Santos, que é uma das ideias que discutiu em seu ensaio. Esse é um dos fatores que nos levaram a investigar a relação entre diversidade sexual e educação (2002). A esse respeito, é importante observar que nossas identidades sexuais, interesses intelectuais e histórias de luta e resistência nos ajudam a entender essas motivações.

Em uma situação em que o ensino superior público ainda é um sonho para a maioria dos brasileiros, embora venha se democratizando gradativamente nos últimos anos, ter acesso ao conhecimento produzido por acadêmicos e pesquisadores da área nos confere responsabilidades cívicas, não estamos apenas tentando replicar e / ou elaborar suas ideias, mas também estamos tentando torná-las mais democráticas. Além disso, estamos tentando fazer com que essas ideias façam parte de nossas vidas diárias.

Nesse contexto, cabe destacar nossas experiências antagônicas com vistas a igualar as relações sociais entre pessoas LGBTQIA+ e heterossexuais, haja vista que é consenso em boa parte dos Estudos Feministas, Gays e Lésbicos a situação de dessemelhança entre as referidas identidades, com claras vantagens históricas dadas à população

heterossexual, que passa a ter mais direitos e acesso à cidadania e seus benefícios.

Seguindo os objetivos atuais do movimento LGBTQIA+, descobrimos que as principais justificativas para esse movimento social se concentram em iniciativas educativas efetivas para torná-lo inclusivo, não discriminatório e civil, não-excludente, que reconheça e valorize as diferentes culturas e a diversidade presente nas escolas. Outra prioridade é criminalizar qualquer comportamento considerado homofóbico, incluindo abuso verbal e físico, seleções e acesso a certos benefícios sociais com base na orientação sexual e/ou identidade de gênero, discursos de ódio, etc.

Pesquisas (Unesco, 2004; Abramovay et al., 2004; Carrara e Ramos, 2005) apontam altos níveis de sexismo e homofobia são relatados em salas de aula envolvendo alunos e professores. Como todos sabemos, isso contribui para uma cultura de violência e conflito, que transforma as escolas em locais de insaciação e repetência, além de afetar a subjetividade de grupos que desafiam as normas de gênero e sexualidade.

Essa ênfase na educação não é por acaso. Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido* desenvolve uma intensa reflexão a respeito da “educação bancária” e da “educação problematizadora”, considerando o primeiro como um mantenedor da injustiça social, fortemente hierarquizado, verticalizado e domesticador do sujeito ação. Ao contrário, a educação problematizadora visa a libertação dos oprimidos e a humanização das pessoas, questionando a história humana e suas tradições. É horizontalizado e dialético, e denuncia as injustiças sociais (2005).

Diante do problema exposto, esta pesquisa teve como objetivo geral conhecer as problemáticas enfrentadas pelos alunos que sofrem homofobia e a ausências e emergências da educação escolar segundo o Movimento LGBTQIA+.

Para atingir nosso objetivo geral, tomamos por objetivos específicos: Apresentar a conceituação da etimologia da sigla LGBTQIA+;

Dissertar sobre a educação cidadã; Apresentar os direitos a educação inclusiva e os obstáculos enfrentados pela comunidade LGBTQIA+.

Entre eles, sugerir metodologias que viabilizem e possibilite salas de aula, proporcionem discussões, conectem aplicações práticas e projetos que abordem questões como orientação sexual, identidade de gênero, movimentos sociais e a formação de professores para uma escola democrática e inclusiva.

Nossa pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, pois acreditamos que esse ponto de vista é excelente para estudos no campo das ciências humanas. Para atingir o objetivo proposto nesse estudo, utilizou-se de pesquisa bibliográfica, especialmente apropriado à pesquisa no campo das ciências humanas e sociais, pois visa identificar a realidade investigada sobre a questão dos impactos causados pela homofobia no ambiente escolar e os desafios para acesso e permanência de estudantes LGBTQIA+ na escola. Realizou-se uma pesquisa de caráter exploratório, com questões norteadoras que envolvem a homofobia no ambiente escolar.

2. Metodologia de pesquisa

O estudo trata de uma pesquisa bibliográfica e análise de texto qualitativa, tendo em vista os procedimentos técnicos, que, por sua vez utilizou o método de pesquisa bibliográfica, pois foi utilizado material publicado referente ao tema abordado, como livros e materiais disponibilizados pela internet.

De acordo com Gil (2017), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e canais de eventos científicos.

No que concerne a questão das pesquisas qualitativas, Minayo (2013) esclarece que este tipo de pesquisa se dedica a compreender a

realidade social na qual os fenômenos acontecem por meio da fala dos participantes do estudo.

Assim, diferentemente das pesquisas de natureza quantitativa, as quais lidam com dados representados numericamente, os estudos qualitativos são permeados pela subjetividade existente no discurso dos partícipes de uma investigação científica. Conforme visto em Borges (2019), compete ao pesquisador captar a essência da fala dos sujeitos respondentes com vistas a dar maior assertividade aos resultados alcançados.

Tomando por base as definições de Vergara (2002), define-se: a) Quanto aos fins; exploratória: esta investigação é realizada na área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado, e assim a pesquisa foi realizada em duas etapas complementares e inter-relacionadas, tendo envolvido levantamento de informações em fontes secundárias e primárias.

Fez-se necessário uma revisão bibliográfica referente aos temas; preconceitos; LGBTQIA+ ; professores; onde artigos, identificados na literatura, foram devidamente lidos e descritos para compor o marco teórico do estudo.

3. A população lgbtqia+ : conceituação

Homossexualidade, bissexualidade, transgenerismo e outras identidades específicas de gênero que desafiam a heteronormatividade como o único modelo a ser adotado são exemplos de expressões específicas de gênero da diversidade sexual que devem ser respeitadas e visíveis no ambiente educacional como sendo igualmente legítimas e autônomas como heterossexismo e cisgênero.

Segundo Souza (2015), a diversidade de gênero e sexual não deve ser reduzida a diferenças sexuais, pois isso reconhece a legitimidade da expressão LGBTQIA+ entre outras sexualidades e permite uma compreensão mais ampla da sexualidade humana. O conceito de

diversidade sexual e de gênero não apenas reconhece a existência de muitas expressões sexuais e de gênero, mas também exige a justificativa dessas sexualidades, que são tão naturais quanto a heterossexualidade.

É fundamental primeiro compreender a origem e o conceito da palavra, para depois entender como ela é vista e vivenciada na esfera pública, principalmente no ambiente educacional. Antes de discutir a história do movimento LGBTQI+ e sua relação com a educação, é importante entender quem é essa população, o que causa a violência que ela vivencia que motiva o desenvolvimento do estudo e a realidade que essa população está inserida em nosso país.

A sigla LGBTQI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis/Transexuais/Transgêneros, Queer, Intersexuais e outras expressões de diversidade sexual que não sejam cis-héteros) São referidas as infinitas expressões da diversidade sexual e de gênero que decorrem do processo de sociabilidade humana. As dinâmicas de construção da individualidade humana e da totalidade social – que surgem através do trabalho, componente fundamental da serenidade social – são a fonte da diversidade.

Compreender a existência dessas expressões da diversidade sexual e de gênero, fundamentais para a sociabilidade humana, requer também entender a formação de nossa sociedade e o status quo, pois isso reforça padrões que dão origem à violência contra a comunidade LGBTQI+ e enfatiza a importância do estudo atual.

Nosso sistema social é construído sobre relações de gênero baseadas na manutenção consistente de várias normas previamente estabelecidas. Uma das normas sociais reforçadas pelo heterossexismo é que os indivíduos só podem se envolver em comportamentos classificados como heterossexuais (onde eles só se envolvem em relações sexuais com outras pessoas do sexo oposto).

Assim, Gilmar Nogueira desconstrói os estudos de Adrienne Rich (1980) e Richard Miskolci (2007) para mostrar que um componente desse sistema se baseia no dualismo entre heterossexismo e homossexismo em seu ensaio publicado no Blog iBahia em 2013.

Em um processo societário onde um padrão é estabelecido, ele explica que a heterossexualidade se torna obrigatória se for naturalizada e incentivada, exigindo que todos os indivíduos se encaixem nesse molde e, conseqüentemente, sejam heterossexuais. Ele também introduz em sua análise a noção de heteronormatividade, cunhada em 1991 pelo teórico Michael Warner, tratando -a como uma nova ordem social que exige não apenas a heterossexualidade, mas também que todos moldem suas vidas e relacionamentos de modo a cumprir os requisitos do modelo heteronormativo.

Essa ideia enfatiza os aspectos discursivos e normativos em comparação com outros determinantes sociais. Com base nesse entendimento, Nogueira explica um fenômeno que aponta explicitamente para a existência de violência contra aqueles que rompem com o padrão socialmente naturalizado de heterossexismo.

Vemos, assim, o comportamento heteronormativo como um processo em que a heterossexualidade se posiciona como o único meio legítimo de expressão da sexualidade humana, excluindo a existência de uma diversidade sexual e de gênero incompatível com a sociabilidade.

Optamos por usar o termo " heterossexismo" no lugar de "homossexismo" porque, de uma perspectiva global e considerando a importância de todas as relações sociais, capta com mais precisão o preconceito e a discriminação contra a comunidade LGBTQIA+, bem como o privilégio concedido ao heterossexismo (Silva, 2017).

Essa violência é o que conhecemos como LGBTfobia. Portanto, entendemos a LGBTfobia como uma expressão do sistema heteropatriarcal-racista-capitalista que rege o status quo na sociedade contemporânea, agindo para restringir a liberdade de escolha dos indivíduos (Silva, 2017)

Além de ser fonte de heterossexismo, o termo " cisgênero" refere -se a pessoas que se identificam com o gênero em que nasceram e que expressam e vivenciam a discriminação social ao adotar as normas

associadas a esse gênero, como certos tipos de roupas, comportamentos e fala.

Como resultado, entendemos que as pessoas transexuais e travestis, objeto deste estudo, são aquelas que expressam suas identidades de forma diferente das normas promovidas e reforçadas pelo sistema cis – heteropatriarcal-racista – capitalista. Desse modo, eles experimentam forte repressão com muito mais frequência do que outros membros da comunidade LGBTQIA+.

Portanto, nesse quadro, todo aquele que rejeita ou rompe com o caminho cisgênero -sexista é excluído e rotulado socialmente como anorético, tendo sido injustiçado por um determinado segmento da sociedade. Segundo Teixeira (2017), o enraizamento dessa questão com o patriarcado, o sexismo, o racismo e outras questões possibilita o surgimento da LGBTfobia. Ao longo da história da humanidade, todos os que romperam com o paradigma dominante sofreram repressão e opressão. Para iniciar um processo de contestação do status quo na área da diversidade sexual e de gênero, a comunidade LGBTQI+ precisará se organizar politicamente e exigir reconhecimento como sujeito de direitos.

3.1 Educação cidadã e inclusiva

A educação é um fenômeno que existe desde os primórdios da humanidade. Seja nas instruções, no como fazer ou ser. Passaram-se os séculos e a educação sofreram uma mudança estrutural significativa. Havia uma divisão social do conhecimento, ou instrução para os ricos e instrução para os pobres, ou instrução para os que estariam no comando e os que estariam sob o comando. Hoje, essa divisão do conhecimento é usada principalmente como uma tática para criar trabalhadores para as indústrias fortalecidas pela ascensão do modelo econômico capitalista.

A partir de agora, os Movimentos Sociais seriam incapazes de aceitar esse paradigma de educação controladora e de tendência. Uma batalha pela qual luta é a educação diferenciada. Diferentes em muitos

aspectos, incluindo metodologia, currículo, relacionamentos e, obviamente, as intenções da política educacional. Qual sujeito ela busca criar? Um alienado e apolítico que não fala, não se emancipa e contribui para as injustiças sociais, ou um politicamente ativo que faz parte de sua comunidade e história, exerce seu dever cívico e luta por seus direitos? No caso dos movimentos sociais, a segunda opção é uma de suas frentes de batalha. Nesta direção:

A história dos movimentos sociais e das revoluções mostra que a educação e a cultura sempre foram fundamentais para seus programas e, como sugerem as recentes lutas latino-americanas, a educação é uma prática social essencial para a restauração do sistema de classes pelos trabalhadores (Leher, 2007, p. 28).

Nesse sentido, a educação formal oferecida pelo Estado é criticada e rejeitada por movimentos sociais como aparatos governamentais destinados a regular e formar trabalhadores para o mercado de consumo. Os movimentos sociais lutam por justiça social; neste caso, a transformação social é uma exigência premente. Assim, lutam por uma educação útil e transformadora que inclua conceitos e conteúdos essenciais à vida dos oprimidos, em última análise, esses movimentos estão preocupados com:

Construir cidades responsáveis, ativas e envolvidas, focadas no panorama geral e não nas questões locais (...) voltando às utopias e enfatizando a mobilização da educação comunitária e a participação na construção de novas agendas. Essas agendas devem levar em conta projetos emancipatórios que priorizem a mudança social, definam seu sentido e propósito, considerem alternativas para um novo modelo econômico inclusivo e concretizem os valores de uma sociedade onde o ser humano é valorizado acima da riqueza, do mercado, da política e status social, e poder geral. A educação não formal é uma área crucial para desenvolver tais planos e dar sentido e significado às lutas dos indivíduos no campo da educação com o objetivo de mudar a realidade social (Gohn, 2007, p. 53, grifo nosso).

O autor Paulo Freire declara em *Pedagogia da Indignação* que acredita na capacidade de reflexão do ser humano e em sua ação transformadora contra o domínio das estruturas econômicas, científicas e tecnológicas. Para ele o fato de o próprio tornado ser capaz de entender como era influenciado ou constrangido pelas estruturas econômicas também o tornava capaz de intervir na realidade constrangida. Dito de outra forma, ter consciência da própria condição e não se sujeitar fatalisticamente a este ou aquele destino abre as portas à sua intervenção global (Freire, 2000, p. 27).

Ao culpar a humanidade como perpetradora das injustiças sociais existentes, a posição de Freire justifica a existência e a luta dos movimentos sociais. Como resultado, não cabe mais ao governo, Deus ou qualquer outro terceiro agir em seu nome. Isso garante que o sujeito humano seja livre para tomar suas próprias decisões e seguir o curso escolhido, em vez de ser uma vítima da opressão ou serem libertados das restrições impostas a eles por aqueles que detêm a autoridade, libertando também o opressor. Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire também explica os movimentos sociais dizendo que “talvez quando o oprimido descobre pela primeira vez o opressor e se engaja na luta organizada por sua liberdade, ele começa a acreditar em si mesmo, superando sua “conivência” com o regime opressor “(Freire, 1994, p. 29).

Nessa perspectiva, reconhece – se a importância da organização social para lutar pelos seus interesses e contra as injustiças globais , segundo Freire. Uma ação individual não significaria muito, mas a ação coletiva tem o poder de romper as barreiras levantadas pelas forças dominantes e conservadoras que querem manter o sistema como está, sem mudanças e sem justiça social. É crucial observar as ferramentas que os sistemas dominantes usam para categorizar as pessoas porque eles perceberam o poder da ação coletiva e seu potencial transformador. Como resultado, é cada vez mais comum indivíduos praticarem ações que não geram muito lucro e, quando o fazem, apenas beneficiam o perpetrador. Nas palavras do autor de *Educação e Mudança*, “ninguém

liberta ninguém , ninguém se liberta sozinho : os homens libertam -se em comunidade” (FREIRE, 1994, p. 29).

3.2 Direitos a educação LGBTQIA+

É fundamental observar que a lei brasileira prioriza a igualdade de todos perante a lei quando se trata de educação. Por isso, a expansividade de nossa constituição em seus princípios e normas pode e deve ser interpretada de forma a não excluir grupos ou minorias que, por exemplo, Atualmente, existem obstáculos , principalmente para continuar na escola. Como um exemplo de “minorias” que tem sido alvo de discriminação, a comunidade LGBTQIA+ está buscando uma estrutura legal para proteger os direitos declarados, mas não cumpridos. É claro que estamos separados por questões culturais, políticas e sociais que ocasionalmente causam resistência ao diálogo sobre questões cruciais para a melhor efetividade possível do direito. Os planos municipais relacionados a gênero foram fortemente rejeitados em 2015 devido a questões políticas atreladas a um fator religioso. Assim, o que poderia ser uma continuação de avanços sociais tornou-se um retrocesso sob pressão de organizações religiosas que questionavam as discussões sobre relações de gênero nas escolas.

Assim como a família, a escola é uma instituição importante para o desenvolvimento da pessoa. A afetividade é essencial para o desenvolvimento do indivíduo, bem como para o avanço do conhecimento e da civilização humana, pois surge desde o nascimento e persiste até o primeiro ano de vida. Nesse contexto, ressalta-se que:

Mais ênfase deve ser colocada na compreensão do ser humano e no amor nas escolas do que em materiais e técnicas educacionais. Eles contribuíram significativamente para o desenvolvimento de neuróticos ao não compreender o amor, os sonhos, as fantasias, os símbolos e a dor (Saltini, 1997, p.15).

Quando consideramos a educação e o aprendizado, devemos considerar também a afetividade, pois ambas as partes devem caminhar

lado a lado. É impossível pensar em educação sem considerar interações, acordos e trocas, tudo o que resulta disso leva a uma melhor colaboração (Santana, 2011, p. 2).

Os ensinamentos de Wallon (2010), defende a ideia de uma criança saudável que se dá bem com tudo e todos ao seu redor. É necessário ser alvo de manifestações atípicas para que isso prossiga normal e biologicamente. Nesse sentido, entende-se que:

Uma teoria pedagógica que se depreenda das ideias sobre a construção do indivíduo a partir de Wallon diz que o desenvolvimento intelectual envolve muito mais do que uma aparato cerebral. Pressupões perceber a dimensão afetiva do indivíduo e trabalha-la para permitir uma construção cognitiva mais dinâmica e efetiva. Sendo assim, uma teoria pedagógica inspirada em Wallon pressupõe um movimento dialético entre afetividade, emotividade e subjetividade com processos cognitivos, interação social e racionalidade mutuamente imbricado e relacionados em via de interdeterminação (Bezerra, 2006, p. 23).

A escola deve ir além da mera divulgação de informações e proporcionar inúmeras oportunidades para que seus alunos se envolvam em um processo educacional que incorpore todas as faculdades humanas, enfatizando o emocional, visto que a aprendizagem é um processo que envolve todas as faculdades humanas. Para Saltinni (1997, p. 31), em primeiro lugar, a educação não é um meio de transmissão de conhecimento, uma habilidade ou mesmo uma conduta, mas sim uma introdução à vida.

Nesse sentido, a escola deve se preocupar em preparar uma equipe de especialistas conscientes de que, para que a criança possa desenvolver ao máximo seu potencial, ela deve manter relações com pessoas que compreendam sua subjetividade e as características de cada faixa etária. O professor precisa criar um vínculo de conhecimento com a criança, A partir dessa premissa, é fundamental ressaltar que as crianças em idade escolar são livres para receber instrução e estabelecer uma relação próxima e mutuamente benéfica com o professor (Saltini, 1997, p. 89). A linguagem emerge das emoções, e a emoção é um sentimento capaz de

suprir as necessidades de uma criança pequena porque, por exemplo, quando ela chora, é assim que ela se comunica.

Para demonstrar que a afetividade é um fator importante no desenvolvimento da criança, Wallon (2010), ensina que além da afetividade, as crianças conseguem estabelecer um vínculo com quem a rodeia, assim, para aplicar a afetividade no cotidiano educacional, entende-se que:

A proposta da educação infantil deve considerar o currículo como o conjunto de experiências em que se articulam saberes e socialização do conhecimento em seu dinamismo, dando ênfase à gestão das emoções, entre outros aspectos (Brasil, 2010, p. 19).

O papel do professor na sala de aula é crucial para a resolução de algumas questões, mas a escola também tem que dar assistência ao professor para que ele possa agir de forma decisiva. O professor deve exercer seu ofício com amor, pois fazer o contrário reafirmará a percepção da educação como pouco mais do que a transmissão de informações.

Com isso, fica claro que o trabalho do professor é fundamental para o crescimento e o aprendizado, pois ele será uma figura-chave no estabelecimento de conexões que desenvolvem a afetividade. Por isso, o professor deve adotar uma postura de compromisso com ênfase na prática da afetividade, reconhecendo seu enorme valor na empreitada educacional (Luck, 1983, p. 23).

Para uma escola inclusiva, deve haver a afetividade com participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas, principalmente de alunos com deficiência.

A afetividade é um caminho para incluir qualquer educando no ambiente escolar. É a mediadora entre a aprendizagem e os relacionamentos desenvolvidos em sala de aula, na busca da inclusão de qualquer educando na escola. Entende-se a diferença como a especificidade de cada um, em seus múltiplos e complexos comportamentos. Entende-se, ainda, a diferença como o vivido de cada

um, em sua realidade social e cultural. Entendesse, mais ainda, que a permanência do educando na escola depende da aceitação, da motivação e da autoconfiança que ele percebe quando entra no ambiente escolar. Esses fatores e tantos outros podem facilitar a permanência e a aprendizagem. (Mattos, 2008, p. 5).

Segundo Mattos (2008), o professor ao utilizar a afetividade em sala de aula conseguiu ajudar seus alunos a superar obstáculos e bloqueios que frequentemente os impedem de aprender. O aluno com dificuldades ganha confiança em si mesmo e em suas habilidades como resultado de se sentir aceito. A convivência escolar é uma experiência de aprendizagem no trabalho em equipe. A interação entre um aluno e a comunidade escolar é o que os ajuda a desenvolver um senso genuíno de si mesmo.

A instituição que, em nome da cultura, serve como pilar fundacional de uma geração é a escola, onde se legitimam as regras que sustentam e estruturam a sociedade.

Mas, além de disseminar o conhecimento acumulado ao longo da evolução humana, a escola tem a responsabilidade de fomentar o desenvolvimento da subjetividade, que é o alicerce fundamental de todas as manifestações culturais.

É fundamental que cada membro do corpo docente se esforce para se integrar à diversidade que já existe na sala de aula e trabalhe para que as relações afluentes sejam desenvolvidas de forma saudável e de acordo com o nível de aprendizado do aluno e seu desenvolvimento.

Portanto, incluir vai além da redefinição do papel da educação contemporânea e da compreensão da importância da emoção, promovendo um ambiente de aprendizagem solidário e produtivo.

Para promover mudanças significativas na organização e funcionamento das escolas, bem como na formação dos professores e nas relações família-escola, é necessário refletir sobre a prática educativa antes da inclusão. Montoan (2002), acredita que existem várias barreiras para incluir todos os alunos em uma modalidade educacional, a

escolarização convencional, entre elas a cultura assistencialista da educação especial.

O sentido da Educação Especial, acentuado pela imprecisão dos textos legais, tem acrescentado a essa situação outros sérios problemas de exclusão, sustentados por um entendimento equivocados dessa modalidade de ensino. A Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva inclusiva, de acordo com a Lei de Diretrizes Básicas, dispõe sobre a educação inclusiva quando reconhece que todas as crianças podem aprender e respeitar suas diferenças.

Muitas pessoas veem a inclusão apenas como a inclusão de uma criança com necessidades especiais em uma creche ou escola comum, não reconhecendo que essa ação estimula uma mudança nas práticas pedagógicas da escola. O movimento de inclusão nas creches ou escolas exige uma nova estrutura organizacional do sistema educacional, alterando suas práticas, relações e pressupostos subjacentes para garantir o direito de todos à educação de qualidade. Hoje, devido às políticas de inclusão, a maioria das crianças ingressa no sistema educacional por meio da educação infantil, sendo o atendimento educacional especializado prestado na creche domiciliar ou pré-escola onde está matriculada (Dutra, 1996, p. 21).

Por isso, é fundamental e obrigatório que a escola disponibilize uma rede adequada de apoio e assistência e conte com professores qualificados em seu corpo docente para atender esses alunos. O planejamento deve levar em consideração as necessidades inclusivas dos alunos e envolver atividades que levem em consideração suas necessidades e potencialidades, possibilitando a inclusão em salas de aula regulares. As práticas educativas que permitem aos alunos aprender e ter suas habilidades e conhecimentos reconhecidos e valorizados são peculiares a um ensino escolar que se destaca pela variedade de atividades.

Do ponto de vista da educação inclusiva, um professor não é alguém que ensina um "currículo diversificado" para alguns alunos, mas

sim alguém que planeja uma variedade de atividades para seus alunos se envolverem enquanto trabalham no mesmo material do curso, sejam eles ou não tem deficiência mental (Batista, 2006, p. 13).

É importante ressaltar que contar com um marco regulatório é fundamental porque nos permitirá avançar em direção a melhorias e fortalecimento do direito reconhecido legalmente, principalmente no Brasil onde há muito se costuma negar o acesso de grupos socialmente marginalizados aos bens públicos em igualdade de condições. É sabido que frequentemente deixamos de exercer os direitos formalmente adquiridos, tornando-se imprescindível que a sociedade civil se engaje ativamente na busca da igualdade de direitos e da participação cidadã nesse sentido. Artigo Direito à Educação: Direito à Igualdade, Direito à Diferença; faz a seguinte consideração.

Os conceitos de igualdade e liberdade devem ser considerados nessa perspectiva, pois afirmar que somos iguais perante a lei é muito diferente da realidade. As noções de igualdade e liberdade estão entre os princípios orientadores que impulsionam o cumprimento de direitos que respondam às demandas de uma sociedade ou comunidade, levando em consideração suas características únicas.

É sabido que violamos rotineiramente direitos individuais e coletivos, principalmente quando se trata de diversidade e minorias, que podem incluir minorias raciais, étnicas, culturais e de gênero, por exemplo. Ainda assim, a maioria dos direitos humanos no mundo ainda não foi concretizada, evidenciando a fragilidade dos grupos mais pobres, marginalizados e excluídos. A afirmação de um direito não é garantida pela existência de um arcabouço universal; ao contrário, os direitos só podem ser alcançados nos esforçando e buscando os princípios subjacentes à cidadania.

Sem levar em conta a singularidade e a diversidade do ser humano no processo educativo, pensar a igualdade de direitos de forma homogênea e universal poderia complicar a distribuição de direitos

porque poderia resultar na negação das diferenças de forma modelo educacional homogêneo, o que negaria a igualdade nas diferenças.

3.3 Os impactos da homofobia no cotidiano do aluno

De acordo com as particularidades e peculiaridades de cada sujeito que foi vítima de determinado ato violento, classifica-se a ausência de aceitação desses grupos socialmente marginalizados que é alimentada por ações preconceituosas e discriminatórias. Em relação à diversidade sexual e de gênero, essa pluralidade de crenças se expande com a variedade de suas vítimas. Por exemplo, a palavra “lesbofobia” é usada para lésbicas; “gayfobia” para homossexuais; “travestifobia” para pessoas transexuais; e “transfobia” para todos os outros. No entanto, a palavra “homofobia” será usada neste trabalho para se referir a todas as noções preconcebidas e/ou formas de discriminação contra orientações sexuais e identidades de gênero que diferem das normas heterossexistas e que afetam toda a população LGBTQIA+.

É importante destacar vários fatores que contribuem para a homofobia nas escolas brasileiras. É importante entender que nossa sociedade é caracterizada pela homofobia por causa da cultura machista, que valorizou a heterossexualidade como padrão e, por isso, ao longo do tempo, definiu outras formas de preconceito como normais. Como resultado, o poder hegemônico se solidificou no âmbito cultural e político das verdades, confirmando o conhecimento de que os discursos e práticas impõem uma única forma de identidade sexual e de gênero, ditando e regulando comportamentos. Como resultado, é comum esperar um comportamento previsível de meninos e meninas nas escolas, com pouco suporte para mudanças.

A fé cristã tem uma influência maior, pois a definição da doutrina de pecado sexual exclui todas as variações de gênero e identidade e só aceita atividade pro criativa e orientação sexual com base no sexo biológico. Portanto, aqueles que se identificam como homossexuais, lésbicas, transgêneros ou transexuais enfrentam punição e

discriminação ao mesmo tempo em que lidam com reivindicações de intolerância religiosa e homofobia. A comunidade LGBTQIA+ é visto como anormal, doente mental, com problemas físicos e psicológicos ou sendo assombrado por “demônios”. A religião é apresentada como uma força redentora que está preparada para salvar aqueles que cometem os pecados de sodomia e pederastia. O sistema religioso nega a existência de outras manifestações sexuais e ignora relatos históricos de experiências homossexuais antes e depois da época de Cristo, refletindo essa orientação dogmática nas escolas.

Outro fator significativo é para os educadores, que em sua grande maioria relatam despreparo para lidar com as questões de gênero, identidade e sexualidade em sala de aula. Os estudos demonstram claramente que a homofobia possui controles institucionais que possibilitam a produção e replicação de comportamentos heteronormativos nas escolas e a necessidade de políticas públicas inclusivas. Capaz de reverter sinais preocupantes de estereótipos homofóbicos na população LGBTQIA+, exposta à violência e expulsão escolar. Os pesquisadores afirmam que faltam pesquisas sobre indicadores LGBTQIA+ fora do contexto educacional no Brasil, principalmente quando esses indicadores são combinados com outros fatores vulneráveis e discriminatórios (como ser menos escolarizado, menos alfabetizado, negro, indígena ou ter deficiência mental ou física).

Assim como outras instituições sociais, como a família, a escola frequentemente reforça as formas como a sociedade impõe normas culturais para cada gênero de acordo com a genitália dos sujeitos. As cores, padrões de comportamento, maneiras de sentar, vestir e se comunicar, entre outras coisas, são todos regulados de acordo com a singularização dos sexos masculino e feminino. Esses testes simbólicos para determinar o que é masculino e feminino são derrotados por relações de poder (SANTANA, 2015). Para Ramires (2011) a escola é considerada uma das instituições mais homofóbicas; este fato é corroborado pelos inúmeros relatos de bullying e maus-tratos a indivíduos LGBTQIA+, que afetam gravemente seu desempenho

acadêmico e diminuem o interesse pelas aulas, promovendo a evasão escolar, por conseguinte, a existência de uma grande dificuldade de inserir-se no mercado de trabalho formal, notadamente para as travestis e transexuais.

É preciso criar um ambiente educacional onde a comunidade LGBTQIA+ não seja tratada como coitadinhos ou cidadãos de “segunda classe”. Promover discussões sobre temas pertinentes, incluindo gênero, sexualidade, orientação, reconhecimento e respeito à diversidade sexual, pode ajudar todos os educadores a interagir uns com os outros.

A questão também é discutida por Kamel e Pimenta (2008) que apontam que a violência homofóbica vivenciada pela comunidade LGBTQIA+ no cenário educacional é alarmante, principalmente quando se manifesta como uma forma velada de invisibilidade em relação a outras formas socialmente aceitas assuntos porque, na maioria das vezes, os jovens que vivenciam esse tipo de violência acabam tirando notas baixas e até abandonando a escola. Essa violência pode assumir muitas formas diferentes, incluindo comentários pejorativos, exclusão e ridículo.

Segundo Prado e Junqueira (2011), a homofobia pode ser encontrada no ambiente educacional em vários graus e se manifesta em uma variedade de contextos, incluindo relações professor-aluno normalizadas, reuniões de pais e professores, discussões em sala de aula e interações entre professores e alunos quem defende a cultura heterossexual, entre outras. Os autores prosseguem dizendo que muitos professores reforçam práticas homofóbicas de “sutis” em sala de aula, entre outras coisas, recusando-se a se referir a um aluno transgênero ou transexual por seu nome social, participando de jogos e danças que visam zombar e ofender os comunidade LGBTQIA+, ou não aceita-los.

A escola também se mostra como um lugar de normatização que reflete e emula normas e comportamentos sociais. Assim como ocorre com a questão da sexualidade, as normas sociais heterossexuais são modeladas como modo de vida fundamental no ambiente educacional. Com isso, tudo o que difere desse ambiente se apresenta como diferente

e difícil de aceitar, reforçando práticas muitas vezes prejudiciais e hostis às demais formas de sexualidade.

Informar aos que ensinam que os espaços públicos são direitos de todos na perspectiva do Estado laico. A homogeneidade não é aceitável dentro da escola, pois é uma característica da condição humana que as diferenças apareçam. Portanto, uma escola deve promover o diálogo democrático e valorizar e respeitar as diferenças individuais. Assim como praças, ruas, teatros, cinemas, hospitais, delegacias e museus, as escolas são espaços públicos utilizados por todos.

A escola deve proporcionar a todos os seus alunos um ambiente de aprendizagem acolhedor e ativo, onde as circunstâncias únicas de cada pessoa não sirvam como catalisadores de preconceito e discriminação, mas que estimulem a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual todos possam expressar sua orientação sexual e/ou identidade de gênero sem discriminação e sem medo de sofrer quaisquer formas de violência.

Conclusão

Esse estudo buscou conhecer e entender o processo de evasão escolar da população trans no ensino médio. Para chegarmos nesse resultado, primeiramente buscamos conhecer a história de surgimento da educação no país. No caso brasileiro, tal surgimento se dá em um contexto elitista e excludente no qual a classe trabalhadora sempre teve problemas para manter a si mesmos e suas proles na educação, e isso é potencializado ao se adicionar os recortes de diversidade sexual e de gênero.

Dadas as informações anteriores, entendemos que a bibliográfica consultada aponta que a população LGBTQIA+ está inserida diretamente

em um contexto de violência, e esse contexto é extremamente agravado quando se trata da população trans e travesti, que são o foco do estudo. E assim, apesar dos avanços feitos pelo movimento LGBT durante os últimos anos, ainda há muito a ser feito.

Às escolas cabe o papel de se posicionar frente às situações de violência, se indignar e questionar essas manifestações, ter claro a sua função enquanto instituição pública, formar sua equipe escolar, buscar parcerias com movimentos sociais sem se distanciar das suas atribuições, não se omitir enquanto representante do estado, fundamentando suas ações na responsabilização de atos de violência e dar os seus encaminhamentos legais, inibindo-as dentro de seus espaços. Cabe ainda à escola abrir um canal de atuação para que os jovens ajam de forma protagonista, por meio dos grêmios e demais grupos e movimentos a serem estimulados e principalmente empoderar aqueles e aquelas que ali frequentam de seus direitos enquanto cidadãos brasileiros.

A falta de políticas públicas que atuem garantindo condições de permanência para essa população tanto em âmbito local quanto nacional se torna um agravante nesse processo de abandono escolar, que entendemos que acontece motivado principalmente pela transfobia – seja essa de professores, colegas de classe ou da própria família – e por questões ligadas ao próprio modelo de ensino, que pode sobrecarregar os estudantes, fazendo com que se sintam como se estivessem fracassando na escola. Além disso, muitos são obrigados a abandonar a instituição escolar para conseguir ingressar no mercado de trabalho, pois ao serem expulsos de casa, não lhes sobra outra saída, a não ser buscar meios de assegurar a própria sobrevivência.

Portanto, de acordo com os dados levantados durante a pesquisa bibliográfica, podemos afirmar que o preconceito é um dos fatores que causam também o abandono escolar. E assim, com o alto nível de medidas que estão sendo tomadas no combate à transfobia na sociedade, descobrimos o que na verdade é um processo de expulsão da escola para esses indivíduos, que é referido como abandono.

Referências

Abramovay, M.; C, M. G.; S., L. B. da. Juventudes e sexualidade. Brasília: Unesco, 2004.

Borges, N.S.S.C. (2019). Avaliação institucional interna na Educação Profissional Técnica de Nível Médio: instrumento de melhoria do ensino. Dissertação de Mestrado, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, AM, Brasil. <http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/handle/4321/302>

Bezerra, Ricardo José Lima. Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. 2006.

Brasil, Ministério da Educação. Parecer CNE/CEB. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil n. 20. Brasília, 2010.

Borrilo, D. A homofobia. In: LIONÇO, T. D. D. (Org.). Homofobia e educação: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras: EDUNB, 2009, p. 15-46.

Borrilo, D. Homofobia: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010

Carrara, S.; R. S. Política, direitos, violência e homossexualidade: Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004. Rio de Janeiro: Cepesc, 2005.

Dutra, C.P. A inclusão de crianças com deficiência cresce e muda a prática das creches e pré-escolas.

Freire, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. 17ª ed.

Gil, A. C. (1994). Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. São Paulo: Atlas.

_____(2017). Como Elaborar Projetos de Pesquisa. Rio de Janeiro: Grupo GEN.

_____(2019). Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 7 ed. São Paulo: Atlas.

Vergara, S.C. (2002). A fenomenologia e a pesquisa dos espaços de serviços. Revista de administração de empresas, 42(3), p. 1-14. Prodanov, C.C. & Freitas, E.C. (2013). Metodologia do trabalho científico: métodos

e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale.

Gonsalves, E.P. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. 3.ed. Campinas, SP: Alínea. 2003.

Gohn, Maria da Glória. Conselhos gestores e participação sociopolítica. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Gouveia, R.C. de. Os Consensos Sociais Sobre a Natureza da Sexualidade e os Posicionamentos Diante do Movimento GLBT. Dissertação de Doutorado. Orientador: Leoncio Francisco Camino. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. 2007.

Kamel, L.; Pimenta, C. Diversidade sexual nas escolas: o que os profissionais de educação precisam saber. Rio de Janeiro: ABIA, 2008.

Leher, Roberto. Educação Popular como estratégia Política. In: Jezine, Edineide; Almeida, Maria de Lourdes Pinto de (Orgs.). Educação e Movimentos Sociais: Novos olhares. Campinas, SP: Alínea, 2007.

Mattos, S.M.N. A afetividade como fator de inclusão escolar. Teias, Rio de Janeiro, ano 9, nº 18, pp. 50-59, julho/dezembro 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewfile/271/283>. Acesso em 02 de fev.de 2022.

Minayo, M.C.S. (2013). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa na área da saúde. São Paulo: Hucitec.

Prado, M.a.m.; Junqueira, R. D. Homofobia, hierarquização e humilhação social. In: Venturi, G.; Bokany, V. (Org.). Diversidade sexual e homofobia no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 51-71.

Ramires, L. Homofobia na escola: o olhar de um educador social do movimento LGBT. In: Venturi, g.; Bokany, V. (Org.). Diversidade sexual e homofobia no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 131-140.

Saltini, Cláudio J.P. Afetividade e inteligência. Rio de Janeiro: DPA, 1997

Santana, D.R. Infância e educação infantil no Brasil: percursos e percalços. Enciclopédia Biosfera, v. 7, n. 12, p. 1-11, 2011.

Santana, A. m. de. Fragmentações e permanências: gênero e diversidade na escola. In: Revista Retratos da Escola, v. 9, n. 16, jan./jun., Brasília: CNTE, 2015, p. 123-135.

Santos, B.de S. Um discurso sobre as Ciências. Porto: Afrontamento, 2002.

Silva, W. Evasão escolar no ensino médio no Brasil/School evasion in high school in Brazil. Educação em Foco, [S.L.], v. 19, n. 29, p. 13-14, 11 abr. 2017. Educação em Foco.

Souza, E. J. Diversidade sexual e homofobia na escola: as representações sociais de educadores/as da educação básica. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 241p.

Souza, e. j.; silva, j. p.; santos, C. Homofobia no espaço escolar: um olhar docente. In: Bruns, m. a. t.; Santos, C.; Leite, A.R.V.S. Violência, gênero e mídia nos horizontes da saúde e educação. Curitiba: CRV, 2015, p. 65-79.

Wallon, H. do Ato ao Pensamento. Tradução e organização: Patrícia Junqueira. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora: Massagana, 1942.

Wallon, H. A evolução psicológica da criança. São; Martins Fontes, 2010.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Jacqueline Andreucci Lindstron

Doutoranda em Educação na Universidade Tuiuti do Paraná
Professora de Magistério Superior na UTFPR, campus Curitiba
[rcid.org/0000-0002-2176-1875](https://orcid.org/0000-0002-2176-1875)

Graduada em História e Letras Inglês pela UFPR. Mestre em Lingüística pela UFPR. Professora do magistério superior da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Curitiba, onde atua nas áreas de ensino de Língua Inglesa, Prática de Ensino e Tecnologia e Estágio Obrigatório. Vice-líder do grupo de pesquisa TRADLIN. Vice-coordenadora do Projeto de Ensino Abordagem Multissensorial na Capacitação Docente para o Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa da UTFPR. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa, Pedagogia, Educação e Complexidade - GEPEPECOE da UFPR. Doutoranda em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná na linha de pesquisa Práticas Pedagógicas: elementos articuladores, onde participa como membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagens, Alfabetização e Letramentos - GEPLAL- PPGEd da Universidade Tuiuti do Paraná. Mãe!

Laurita Christina Bonfim Santos

<https://orcid.org/0000-0001-8832-1682>

LATTES: <https://lattes.cnpq.br/1994123477233997>

Mestranda em Master of Science in Emergent Technologies in Education pela Must University (2021-2023).

Especialista em Tecnologia da Informação (Facuminas-MG/2022).

Graduada em Administração pela Universidade Federal de Alagoas (2001).

Licenciada em Letras Português/Inglês pela Fasese (2020).

Cursando Ciência de Dados (Cruzeiro do Sul).

Servidora da Universidade Federal de Alagoas desde 2004.

Esteve responsável pela pasta Coordenação de Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnia do Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Federal de Alagoas (SINTUFAL - 2013-2015).

Atualmente está lotada no Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore (Alagoas).

Danielly Berneck Coas Ribeiro

Graduada em Psicologia pela Universidade Tuiuti do Paraná (1999),
Licenciatura em Formação Docente para Educação Profissional pelo
Instituto Federal de Santa Catarina- IFSC (2001).

Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Positivo (2022).

Especialização em Formação Docente para Educação Profissional pelo
Instituto Federal de Santa Catarina -IFSC (2021).

Especialização em Educação Especial e Inclusiva (2022) Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Internacional de Lisboa (2005). Mestrado em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina-UNOESC (2011) e Doutorado em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná (2016). Experiência como Docente e Vice- Coordenadora de curso de Psicologia. Tem experiência na área da educação atuando principalmente nos seguintes temas: Psicologia do Ensino e Aprendizagem, Psicologia do Desenvolvimento, e Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade .

Adão Rodrigues de Sousa

Orcid:<https://orcid.org/0000-0002-7348-5876>

Unopar, Brasil

E-mail: adao.sousa@unemat.br

Jadilson Marinho da Silva

<https://orcid.org/0000-0001-9416-8549>

Doutor em Ciências da Educação

Universidad de la Integración de las Américas

jadilson.marinho@gmail.com, Brasil

Possui graduação em Letras pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (2010), graduação em Pedagogia pela Faculdade Mantense dos Vales Gerais (2021), especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Cândido Mendes (2015), especialização em Ensino de Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências Educacionais (2014), especialização em Língua Brasileira de Sinais (2020), especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2021), Mestrado em Ciências da Educação pela Universidad de la Integración de las Américas (2017) e Doutorado em Ciências da Educação (Diploma reconhecido pela Universidade Federal de Goiás). Atualmente leciona no Ensino Superior (graduação e pós-graduação) e no Ensino Médio. Possui experiência na área de Letras e Educação com ênfase em Literatura Brasileira, Literatura Comparada, Linguística, Educação Inclusiva, tecnologia assistiva, formação de professores, tecnologia educacional, avaliação e currículo.

José Carlos Guimarães Junior

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8233-2628>

Governo do Distrito Federal, Brasil

E-mail: profjc65@hotmail.com

TRANSFORMANDO O ENSINO E A APRENDIZAGEM

Os artigos que compõem a coletânea abordam temas como a importância da educação para o desenvolvimento humano e social, as estratégias mais eficazes para a aprendizagem, a formação dos professores, as políticas públicas para a educação, a inclusão de alunos com deficiência e a utilização de tecnologias digitais no ensino. Além disso, os artigos também discutem questões relacionadas a cada etapa da educação, desde a educação infantil até o ensino superior, passando pelo ensino fundamental e médio. Cada autor apresenta uma perspectiva própria e baseada em sua experiência e formação, enriquecendo a coletânea com diferentes abordagens e visões sobre a educação.

A coletânea de artigos sobre educação é uma obra fundamental para quem se interessa pelo tema e busca se aprofundar no conhecimento sobre as teorias e práticas educacionais mais atuais e eficazes. É uma obra que deve ser lida por educadores, gestores educacionais, pesquisadores e estudantes, que encontrarão nela um valioso material para o seu desenvolvimento profissional e pessoal.

Home Editora
CNPJ: 39.242.488/0002-80
www.homeeditora.com
contato@homeeditora.com
9198473-5110
Av. Augusto Montenegro, 4120 - Parque Verde, Belém - PA, 66635-110

